



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

GLÍCIA LARYANE LEANDRO DA SILVA

**“EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO CAPITAL”: UMA ANÁLISE DA JUVENTUDE
CAMPESSINA A PARTIR DA REALIDADE DE UMA ESCOLA PÚBLICA URBANA
DE UPA NEMA/RN**

MOSSORÓ/RN
2023

GLÍCIA LARYANE LEANDRO DA SILVA

**“EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO CAPITAL”: UMA ANÁLISE DA JUVENTUDE
CAMPESSINA A PARTIR DA REALIDADE DE UMA ESCOLA PÚBLICA URBANA
DE UPA-NEMA/RN**

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido-UFERSA como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação em Ciências Humanas e Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Gomes da Silva Filho

MOSSORÓ/RN
2023

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

SS586 Silva, Glícia Laryane Leandro.
EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO CAPITAL: Uma análise da
juventude campestre a partir da realidade de uma
Escola pública urbana de Upanema/RN / Glícia
Laryane Leandro Silva. - 2023.
59 f. : il.

Orientador: Luiz Gomes da Silva Filho .
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Educação do Campo,
2023.

1. Juventude Campestre. 2. Educação do Campo.
3. Escola. 4. Capitalismo. I. , Luiz Gomes da
Silva Filho, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Biblioteca Campus Mossoró / Setor de Informação e Referência
Bibliotecária: Keina Cristina Santos Sousa e Silva
CRB: 15/120

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

GLÍCIA LARYANE LEANDRO DA SILVA

**“EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO CAPITAL”: UMA ANÁLISE DA JUVENTUDE
CAMPESSINA A PARTIR DA REALIDADE DE UMA ESCOLA PÚBLICA
URBANA DE UPAJEMA/RN**

Monografia apresentada a Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como
requisito para obtenção do título de
Licenciada em Educação do Campo, com
habilitação em Ciências Humanas e
Sociais.

Defendida em: 24/05/2023.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



LUIZ GOMES DA SILVA FILHO
Data: 24/05/2023 21:43:55-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Luiz Gomes da Silva Filho (UFERSA)

Presidente

Documento assinado digitalmente



JOSE ERIMAR DOS SANTOS
Data: 26/05/2023 16:58:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. José Erimar dos Santos (UFERSA)

Documento assinado digitalmente



MARIA DA CONCEIÇÃO FERNANDES DE FRANÇA
Data: 26/05/2023 18:03:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Ma. Maria da Conceição Fernandes de França (UNP)
Membro Externo

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, dono de cada amanhecer e que me faz estar de pé para cada batalha e luta. Persistindo sempre na minha formação e me orientando com sabedoria para não desistir dos meus sonhos e objetivos profissionais e como ser humano.

Agradeço a minha Maria de Fátima e a paião Everaldo Antonio, que sempre foram referência de força e superação, saibam que essa vitória não seria possível sem o apoio e os esforços diários de cada um, para a minha permanência na universidade. Agradeço a minha família, aos meus irmãos, minha sobrinha Sofia, meus tios/as e meus avós. Eles que são minha base, onde Deus me mostra que tenho sim forças (que vem deles), me mostram diariamente o quão precioso é estudar e prazeroso ter alguém no ensino superior. Sem esquecer o amor pelo campo onde tem muitas representações históricas e afetivas, que fazem parte também da minha formação, pois a valorização dentro de casa, mostra o quanto é significativo as minhas transformações enquanto educadora da educação do campo.

Dando ênfase as minhas estrelinhas que estão no céu, Vovô Antônio, Tio Manoel, Tio Canuto e Tio Lusmar (*In memoriam*). Sinto que tenho uma força maior vindo deles, pois enquanto vida tinham, me encorajavam a não desistir nunca.

Agradeço ao meu namorado, Moabe, por não soltar minha mão, ser meu ponto de apoio, não mediu esforços para incentivar e sonhar comigo por essa formação acadêmica.

Agradeço aos amigos, Kalliane, Gislaine, Natália, Ana Kalline, Jefferson, Aldefran, Naiara, Mayane, Micaelle, Luana, Rosangela entre tantos outros que seguiram junto comigo nesse percurso, enfrentando obstáculos e fortalecendo sempre com risadas soltas, conquistas e lágrimas.

Agradeço Otila França minha amiga/irmã que se fez presente durante todo meu percurso, inicialmente na matrícula do curso até a reta final da elaboração da monografia. Sou grata por diversos momentos mostrou o real significado da nossa amizade, onde enfrentamos obstáculos, mas sempre estamos juntas dando forças, sonhando e aplaudindo as conquistas de ambas.

Agradeço aos docentes da LEDOC que me proporcionaram o privilégio e um leque de conhecimentos que sem dúvidas cresci com um olhar diferente e cuidadoso com a educação, além disso também aprendi a valorizar cada vez mais a minha história de vida, enquanto filha do campo. Aos senhores, sou grata também por total paciência nos momentos que o medo e a

insegurança. Agradeço também aos meus colegas de turma que foram fundamentais nessa jornada incrível.

Agradeço as escolas de modo geral, que me acolheram na trajetória acadêmica como atividades, estágios, PIBIB e nos projetos de intervenções. Onde me fez conhecer a realidade do ensino educacional e querer mais ainda como profissional está inserida nesse meio e ser diferencial para muitos. Grata aos alunos/as e professores que se disponibilizaram a responder o questionário, e somar na realização do trabalho final.

Agradeço ao orientador, Luiz Gomes, que sempre acreditou no meu tema, contribuiu significativamente e direcionou os meus passos diante da minha monografia. Sou grata por toda paciência, por entender e buscar alternativas relevantes diante as minhas dificuldades.

Agradeço a Banca Examinadora, em nome do professor José Erimar e a professora Maria da Conceição, que aceitaram contribuir significativamente com a leitura e correção desse trabalho.

Acredite em você, na força da sua fé, nas vezes que você teve que remar contra a maré. Cada “não” que alguém lhe disse deu forças pra que surgisse um desejo de provar que quando a gente tropeça se levanta e recomeça sem parar de caminhar.

Bráulio Bessa

RESUMO

A juventude campesina enfrenta diariamente diversos desafios para permanecer no campo e no espaço educacional, além da falta de políticas públicas e de valorização, existe também as influências presentes na sociedade capitalista e opressora. Sendo assim, o presente trabalho tem como tema “Educação para além do capital”: Uma análise da Juventude Campesina a partir da realidade de uma Escola Pública Urbana de Upanema/RN. Com objetivo geral analisar como a educação da juventude campesina é impactada pelas influências da cultura capitalista e como a permanência no campo pode representar um aspecto de resistência a esse fenômeno. Já em relação aos objetivos específicos foram pensados três: (01) Verificar a perspectiva da juventude sobre a realidade campesina; (02) Identificar a relação da juventude campesina com a educação e como ela dialoga com a realidade desses sujeitos; (03) Compreender as limitações da escola e quais suas possibilidades de ir além na formação de sujeitos transformadores. Dos aspectos metodológicos, utilizamos a pesquisa qualitativa de natureza exploratória e descritiva, na qual o instrumento de coleta de dados foram dois questionários com perguntas abertas e fechadas, constituído por (07) questões para os/as alunos/as e (06) para os professores. Salientamos que também foram analisados o Projeto Político Pedagógico e outros documentos normativos. O estudo foi realizado na Escola Estadual José Calazans Freire, localizada no município de Upanema/RN, com discentes da turma do 3º ano “A” com recorte para aqueles oriundos da zona rural e professores do Ensino Médio. Como conclusão, é perceptível a relação problematizadora entre a educação e o sistema capitalista, afetando a sociedade no sentido de oprimir e excluir principalmente aqueles que estão passando por negação de direitos, como é a realidade da população do campo. Portanto, compreendemos que a necessidade de efetivação das políticas públicas, alternativas direcionadas para contextualização e a valorização dos mesmos, que influenciam a juventude sair do local de origem, em busca de transformação educacional, social, cultural, política e econômica.

Palavras-chave: Juventude Campesina. Educação do campo. Escola. Capitalismo.

ABSTRACT

The peasant youth faces daily various challenges to remain in the countryside and in the educational space, in addition to the lack of public policies and valorization, there are also the influences present in capitalist and oppressive society. Thus, the present work has as its theme "Education beyond capital": An analysis of Peasant Youth from the reality of an Urban Public School of Upanema/RN. With general objective to analyze how the education of peasant youth is impacted by the influences of capitalist culture and how the permanence in the countryside can represent an aspect of resistance to this phenomenon. In relation to the specific objectives, three were considered: (01) To verify the perspective of the youth on the peasant reality; (02) Identify the relationship of peasant youth with education and how it dialogues with the reality of these subjects; (03) To understand the limitations of the school and its possibilities of going beyond the formation of transforming subjects. From the methodological aspects, we used qualitative research of exploratory and descriptive nature, in which the data collection instrument were two questionnaires with open and closed questions, consisting of (07) questions for the students and (06) for the teachers. We emphasize that the Pedagogical Political Project and other normative documents were also analyzed. The study was conducted at the José Calazans Freire State School, located in the municipality of Upanema/RN, with students from the 3rd year "A" class with a cut for those from the rural area and high school teachers. As a conclusion, it is noticeable the problematizing relationship between education and the capitalist system, affecting society in the sense of oppressing and excluding mainly those who are going through denial of rights, as is the reality of the rural population. Therefore, we understand that the need for the implementation of public policies, alternatives directed to contextualization and the valorization of the same, which influence the youth leave the place of origin, in search of educational, social, cultural, political and economic transformation.

Keywords: Peasant Youth. Field education. School. Capitalism

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	–	A identidade com o lugar que mora.....	40
Gráfico 2	–	Os conhecimentos das comunidades são trabalhados na sala de aula pelos professores.....	41
Gráfico 3	–	A escola como um espaço de contribuição para a formação profissional e humana.....	42
Gráfico 4	–	Desafios encontrados pela juventude para frequentar e permanecer na escola.....	43
Gráfico 5	–	Perspectiva da juventude após concluir o Ensino Médio.....	44
Gráfico 6	–	Permanência no campo após a conclusão do Ensino Médio.....	45
Gráfico 7	–	Os conhecimentos dos estudantes do campo são trabalhados nas aulas.....	46
Gráfico 8	–	Projeto Político Pedagógico nas atividades durante o ano letivo.....	47
Gráfico 9	–	Desafios em trabalhar com os materiais teóricos sobre a realidade dos estudantes.....	49

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil Formativo dos Professores	38
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNE	Conselho Nacional de Educação
CEE	Conselho Estadual de Educação
CNEC	Campanha Nacional de Escolas da Comunidade
ENERA	Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária
MST	Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
FONEC	Fórum Nacional de Educação do Campo
PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
PPP	Projeto Político Pedagógico
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
RN	Rio Grande do Norte
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	REVISÃO DE LITERATURA: CONCEITOS E FUNDAMENTOS.....	17
2.1	“Educação X Capital”: A Educação para além do Capital e a Juventude Campesina.....	22
2.2	Educação Libertadora como Possibilidade para a Formação Omnilateral da Juventude Campesin.....	26
3	MATERIAIS E MÉTODOS.....	29
3.1	A Classificação da Pesquisa.....	30
3.2	Levantamento Bibliográfico/documental e de campo.....	31
3.3	Instrumentos de coleta de dados.....	31
4	ESCOLA ESTADUAL JOSÉ CALAZANS FREIRE COMO POSSIBILIDADE PARA FORMAÇÃO DA JUVENTUDE CAMPESINA: QUE ESCOLA É ESSA?.....	33
4.1	Caracterização da Escola Estadual José Calazans Freire: Recursos materiais/estrutura física e humanos.....	36
5	DIÁLOGO COM OS SUJEITOS: EDUCANDOS(AS) E DOCENTES DA ESCOLA ESTADUAL JOSÉ CALAZANS FREIRE.....	39
6	CONSIDERAÇÕES.....	50
	REFERÊNCIAS.....	51
	APÊNDICE A QUESTIONÁRIO- PERFIL DO (A) ALUNO (A).....	54
	APÊNDICE B QUESTIONÁRIO- PERFIL DO PROFESSOR.....	56
	APÊNDICE C TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO...58	

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a educação para além do capital com ênfase em uma análise da juventude campesina a partir da realidade de uma escola pública urbana de Upanema/RN. Sendo de suma importância uma reflexão crítica sobre o contexto, os desafios e expectativas para que a juventude campesina contemporânea possa fazer suas próprias escolhas e ter motivação para continuar buscando a educação para além de uma formação capitalista e excludente, ou seja, tendo acesso a uma educação que é transformadora e permite um leque de possibilidades.

Nesse sentido, algumas questões gerais nos auxiliam na problematização do nosso objeto de estudo: qual a realidade das juventudes campesinas brasileira? Que formação é ofertada a essas juventudes? Como os currículos dos cursos de ensino médio abordam os diferentes espaços e tempos desses sujeitos? Assim, cabe-nos indagar com a questão central: Quais as perspectivas da juventude campesina de Upanema frente ao mundo capitalista e qual o papel da educação escolar frente a esse contexto? Levando em consideração o objetivo geral da pesquisa consiste em analisar como a educação da juventude campesina é impactada pelas influências da cultura capitalista e como a permanência no campo pode representar um aspecto de resistência a esse fenômeno, bem como estes sujeitos possam estar inseridos em espaços educacionais com uma visão transformadora do futuro, ou seja, alcançando seu real intuito sem se restringir aos ditames da sociedade.

Partindo dessa explanação, esse trabalho levanta a seguinte hipótese: a juventude campesina do município de Upanema/RN ver a educação de forma restrita, ou seja, para eles a conclusão do Ensino Médio é o ingresso no mundo do trabalho, levando a delimitar o futuro dos mesmos para atender a demanda imediata do mercado capitalista. Visto que, o contexto que esses jovens estão inseridos pode trazer grande influência para a relação da perspectiva sobre a educação, além das limitações que a escola e a formação podem possibilitar ou não, para esses sujeitos.

Do ponto de vista metodológico é uma pesquisa de cunho qualitativa (MINAYO, 2009) e de natureza exploratória e descritiva (GIL, 2017). Os procedimentos da pesquisa destacar as seguintes etapas de realização: levantamento bibliográfica, documental e de campo. Como instrumento de coleta de dados destacamos o questionário com perguntas abertas e fechadas (MARCONI; LAKATOS, 2003) e (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). No que tange ao local e sujeitos da pesquisa, tem como universo a Escola Estadual José Calazans Freire com discentes do Ensino Médio da zona rural e docentes do município de Upanema,

Rio Grande do Norte. A análise dos dados foi realizada de acordo com a teoria crítica da educação.

Em relação ao Referencial teórico-metodológico, utilizamos autores que alinham-se a uma perspectiva crítica de educação, tais como: Mészáros (2008), Paulo Freire (2005), Marx (2013) e Luckesi (2013). Em relação à temática da educação do campo, trabalhamos com Caldart (2011, 2012), Arroyo (2011) entre outros. Já para tratar da Juventude Campesina utilizamos Dayrell (2003) e Viana; Brito (2018).

O interesse nesse tema surgiu diante dos questionamentos que foram ocorrendo durante as leituras sobre a temática, como por exemplo no livro “A educação para além do capital” do autor István Mészáros, que direciona a um debate significativo sobre a luta contra exploração e opressão do sistema capitalista, além de mostrar que a educação é ampla e possibilita transformações emancipatórias. Já que, as dificuldades da juventude campesina, deixam muitos vestígios, isso tem grande influência nas tomadas de decisões seja para o mercado capitalista ou no processo educacional. Então essa pesquisa também faz parte da minha realidade enquanto jovem e filha de agricultor. Por isso, acredito na importância de continuarmos lutando pelo acesso e permanência de políticas públicas, uma educação libertadora que dialogue diretamente com a perspectiva e um olhar mais específico contribuindo para novas propostas, de acordo com as particularidades e o futuro da juventude campesina.

Além disso, outras atividades possibilitaram também dialogar e observar como alguns alunos/as que residem no campo pensam a respeito do futuro e como a educação está relacionada com o contexto dos mesmos, a qual muitos acreditam que o processo de ensino e aprendizagem é apenas uma ponte para estarem inseridos no mercado de trabalho, sem pensar que a educação tem possibilidades transformadoras. Com isso, são muitas as questões que vêm sendo postas pela sociedade sobre a relação entre a educação e o capital, que nos instiga pensar sobre a análise crítica dos jovens sobre os diversos espaços de conhecimento teóricos e práticos, problematizando também como a realidade da juventude campesina pode sofrer com as influências da formação de uma sociedade capitalista. E o quanto é importante o processo educacional para a transformação social, ampla e emancipadora, em que, tornar sujeitos independentes e críticos nessa sociedade que vivemos oprimidos pela lógica do capital.

Esse trabalho é de grande relevância para formação acadêmica e para contribuir no desenvolvimento da perspectiva da juventude campesina, a qual iremos dialogar com autores que contribuíram para a construção da temática. Podendo também fortalecer a relação entre a educação e os/as jovens da nossa sociedade. Além de ser bastante significativo para o

processo de formação de futuros docentes da educação do campo, já que, iremos compreender as demandas referentes a realidade dos mesmos.

Finalizando esta seção destacamos a seguir a estrutura do trabalho:

- **Capítulo I:** Introdução, onde está inserido o objetivo geral deste trabalho, apresentamos motivos da escolha da temática e a problemática da pesquisa. Posteriormente destacamos a hipótese, autores mencionados no referencial teórico e dimensão metodologia da pesquisa.
- **Capítulo II:** Revisão de Literatura: Conceitos e Fundamentos sobre a juventude e recorte histórico da educação do campo. No 2.1 “Educação X Capital”: A Educação para além do Capital e a Juventude Campesina e o 2.2 Educação Libertadora como Possibilidade para a Formação Omnilateral da Juventude Campesina, em que, abordamos o diálogo entre a prática e a teoria com embasamentos dos autores, sobre a relação da juventude com a educação libertadora, Omnilateral e sobre o capital.
- **Capítulo III:** Materiais e Métodos utilizados na pesquisa foram a qualitativa, exploratória e descritiva, levantamentos bibliográfica, documental, de campo e o questionário como coleta de dados.
- **Capítulo IV:** Escola Estadual José Calazans Freire como Possibilidade para Formação da Juventude Campesina: Que escola é essa? Apontamos a discussão sobre a escola do campo, a juventude e a valorização das raízes sociais, culturais e nos saberes das populares, além do diálogo sobre o currículo. Também apontamos o papel da escola e perspectivas relacionadas com as transformações presentes na formação humana e social dos sujeitos. Em seguida caracterizamos os recursos materiais, estrutura física e humanos presentes na escola.
- **Capítulo V:** Diálogo com os Sujeitos: Educandos(as) e Docentes da Escola Estadual José Calazans Freire, onde foi possível analisar os dados obtidos com os sujeitos que participaram do questionário.
- Considerações finais sobre a temática com foco na importância da educação como ponte para as transformações da juventude.

2. REVISÃO DE LITERATURA: CONCEITOS E FUNDAMENTOS

A juventude encontra diversos desafios em seu percurso, ocasionados por uma sociedade excludente, em que, os povos do campo têm seus direitos restritos e com pouca perspectiva de um futuro promissor para a atuação ativa no seu contexto. Mas a educação pode e deve possibilitar a autonomia, criticidade e a reflexão de muitas ações sociais, culturais e políticas. Além de ampliar o pensamento crítico desses sujeitos podem também proporcionar o acesso à educação com novas transformações.

O conceito de juventude tem muitas concepções, mas podemos iniciar destacado como uma transição entre a adolescência para a fase adulta. De acordo com o Estatuto da Juventude (Lei nº 12. 852/2013), o intuito principal promover os direitos, princípios e diretrizes das políticas públicas, considerando que os jovens correspondem a faixa etária entre 15 a 29 anos de idade.

O termo “juventude” refere-se ao período do ciclo da vida em que as pessoas passam da infância à condição de adultos e, durante o qual, se produz importantes mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que variam segundo as sociedades, as culturas, as etnias, as classes sociais e o gênero. Convencionalmente, para comparar a situação de jovens em distintos contextos e fazer um acompanhamento da evolução no tempo, se estabelecem ciclos de idade (UNESCO, 2004, p. 23).

São inúmeras definições pontuadas e caracterizadas sobre a juventude: seja pela idade, mudanças biológicas, culturais como também as representações sociais. E nesse sentido, Peralva (1997 *apud* DAYRELL, p. 41, 2003) destaca que “a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação”. Dando significados as vivências e fazendo parte também do processo histórico, cultura e econômico que estão inseridos.

Dessa discussão, entendemos a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona (DAYRELL, 2003, p. 42).

A juventude está em constante mudanças, sendo no sentido amplo e ao mesmo tempo específico, mas assume a construção da autonomia e socialização com uma perspectiva de formação para se relacionar coletivamente e principalmente com si mesmo. Portanto, a

juventude é uma fase transitória e “Pode ser entendida como um momento no qual se vive de forma mais intensa um conjunto de transformações que vão estar presentes, de alguma maneira, ao longo da vida” (DAYRELL, 2003 *apud* TROIN; BIREITENBCH, 2018, p.793).

Considerando a definição do conceito de povos do campo embasada no Decreto nº 7.352 de 4 de novembro de 2010, destaca-se:

I - populações do campo: os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural; (BRASIL, 2010).

Levando em consideração a citação acima e as especificidade e vivências dos povos do campo, compreendemos de forma específica que: “[...] campesino é então aquela pessoa que tem uma relação afetiva e efetiva com o pedaço de terra onde vive e já viviam seus antepassados é onde, possivelmente, viverão seus descendentes” (VIANA; BRITO, 2018, p. 92). Nesse sentido, é necessário da ênfase nesse trabalho sobre o conceito e importância da juventude campesina, que assume um papel de reconhecimento e afirmação, dos valores sociais, culturais e populares.

Cada pessoa compõe o enredo do território ao englobar as normas que se voltam para a preservação e manutenção do lugar, do patrimônio instituído e reproduzido no seio de cada família que cultiva uma relação com o espaço a fim de garantir que as gerações vindouras também se envolvam e se beneficiem dessa cadeia de relações identitárias (VIANA; BRITO, 2018, p. 92-93).

Essa relação com o campo para essa juventude tem mais significado do que o espaço físico em si, representando o pertencimento cultural, as experiências vivenciadas, as memórias afetivas e mostrando possibilidades para uma perspectiva enquanto sujeito protagonista de sua própria trajetória de vida. “A inserção juvenil em movimentos sociais e articulações em torno de questões campesinas e nas comunidades vem ampliando os espaços formativos e as formas de contribuir e permanecer na zona rural” [...] (VIANA; BRITO, 2018, p. 90). Por isso, é tão relevante esse olhar crítico que referencia novos espaços que contribui para a formação de um projeto de vida transformador.

Entretanto a falta de políticas públicas ocasiona a precarização das áreas educacionais, pois a sociedade atual tem conflitos de exclusão e desigualdade social, causado pelas influências da formação capitalista. Contudo, a juventude deve buscar e seguir um novo ciclo. Podem ter um olhar mais específico e analítico sobre o que irão alcançar em meio a este contexto, compreendendo suas origens e realidades com ações transformadoras que requer o

envolvimento principalmente quando trata-se de decisões pessoais e em meio aos propósitos futuros.

Nesse sentido, existem muitos questionamentos sobre a perspectiva da juventude acerca da realidade que estão inseridos e como isso pode influenciar nas suas escolhas. Muitas vezes os mesmos não tem uma referência que possibilite a construção de uma narrativa de vida diferenciada, já que, também as dificuldades são oriundas da própria comunidade escolar. Sendo assim, é de grande relevância buscar compreender quais as principais limitações do espaço educacional e quais suas possibilidades para a formação de sujeitos transformadores, já que, sabemos o quão importante é a educação para o desenvolvimento crítico do ser humano, promovendo um futuro de particularidades que agregam as diversas experiências.

A juventude campesina também passa por diversos desafios vindo de uma realidade social, econômica, cultura e política. Por isso, precisamos identificar e refletir sobre a relação entre os/as alunos/as, suas realidades e como pode manipular os projetos futuro vindos de uma educação tradicional e orientada por princípios capitalistas. Sabemos que a educação possibilita novas experiências e pode ampliar nosso processo de formação, já que, existem inúmeras particulares que pode acrescentar e construir um futuro transformador em suas vidas.

A educação é uma ferramenta importante no desenvolvimento do ser humano. É através dessa que tornamo-nos sujeitos críticos. Em que “[...] a compreensão da educação como forma de superar os obstáculos da realidade” (MÉSZÁROS, 2008, p. 11), é fundamental para a transformação do quadro social, político e cultural. Com isso, refletir e buscar novas oportunidades na educação pode garantir um futuro promissor à juventude campesina. Sendo que, a educação vai além do capital ou do mercado de trabalho, já que, é com a mesma que aprendemos e desenvolvemos o pensamento crítico, autônomo e criativo da sociedade, superando barreiras que surgem no processo de organização social.

Em relação a trajetória da educação do campo, que vem sendo construída arduamente pelos movimentos sociais, lutando por propostas que garantam políticas públicas que valorizem a identidade e a realidade dos sujeitos que vivem e querem permanecer no campo. Sendo uma educação “No: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; Do: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais” (CALDART, 2011, p. 149-150).

O movimento sobre a educação do campo foi discutido inicialmente no I Seminário Nacional e no I Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária

(ENERA) em 1997, promovida pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), que se reuniram para preparar a I Conferência Nacional Por uma Educação Básica do Campo, realizada nos dias 27 a 31 de julho de 1998, em Luziânia, Goiás. No mesmo ano o Governo Federal instituiu o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), com projetos que apoiam o ensino básico e superior voltado para os povos do campo (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2011).

O argumento para mudar o termo Educação Básica do Campo para Educação do Campo aparece nos debates de 2002, realizados no contexto da aprovação do parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE) nº 36/2001, relativo às Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo [...] (BRASIL, 2001 *apud* CALDART, 2012, p. 260).

A aprovação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo foi conquista significativa em relação ao âmbito das políticas públicas, abrindo espaço para outras discursões que são necessárias. Já em 2004 foi realizado a II Conferência Nacional, na qual, esses encontros tinham como principal objetivo dialogar reafirmando a importância das políticas públicas e projetos específicos para a população do campo além de garantir esses direitos. Sendo primordial “[...] incluir o debate da educação do campo no debate geral sobre educação, e no debate de um projeto popular de desenvolvimento do país” (CALDART, 2011, p. 150).

O lema formulado na II Conferência Nacional, “Educação do Campo: direito nosso, dever do Estado!”, expressou o entendimento comum possível naquele momento: a luta pelo acesso dos trabalhadores do campo à educação é específica, necessária e justa, deve se dar no âmbito do espaço público, e o Estado deve ser pressionado para formular políticas que a garantam massivamente, levando à universalização real e não apenas princípio abstrato (CALDART, 2012, p.262).

O histórico da Educação do Campo contém muitas nuances de lutas e resistência, pois é necessário permanecer dialogando sobre o direito à educação pública e de qualidade para todos, formação de professores, construção de escolas no campo e projetos educativos pensadas a partir da realidade dos/as alunos/as. O âmbito escolar precisa ser construído de acordo com a identidade, história e cultura para que o povo do campo seja sujeito de sua própria formação social e humana, na qual, é direito dos mesmo e dever do Estado possibilitar o acesso e a permanência a educação para as diferentes gerações do campo. Nesse sentido:

Em 2010, foi criado o Fórum Nacional de Educação do Campo (FONEC), no esforço de retomar a atuação articulada de diferentes movimentos sociais, organizações sindicais e outras instituições, com destaque agora para uma

participação mais ampliada de universidades e institutos federais de educação (CALDART, 2012, p.262).

Esse Fórum continua sendo um espaço de debates e articulações coletivas para fortalecer as políticas voltadas para a educação do campo. “Em seu documento de criação, Fonec toma posição contra o fechamento e pela construção de novas escolas no campo [...]” (CALDART, 2012, p.262), complementando assim, de forma significativa as lutas contra a negação do direito dos povos do campo.

Visando fortalecer e garantir legalmente a Educação do Campo o presidente, na época, Luiz Inácio Lula da Silva, ampliou as ações do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). Sabemos que na prática ainda é preciso muitos avanços, esse Programa fortalece o diálogo e a importância sobre as inúmeras particularidades vivenciadas pelos povos do campo, em meio ao cenário de tantas restrições.

Nesse sentido, percebemos que as políticas públicas são de fato afirmações de lutas e resistências dos povos do campo. “Assim, dizer que algo é um direito humano é dizer que ele deve ser garantido a todos os seres humanos, independentemente de qualquer condição pessoal” (HADDAD, 2012, p. 217). Nesse caso, a educação luta por garantias e para ampliar a formação de professores, o acesso e permanência no campo, políticas pedagógicas específicas e dentre muitos direitos citados acima. Esse é o caso da educação, reconhecida como direito de todos após diversas lutas sociais, posto que por muito tempo foi tratada como privilégio de poucos.

No cenário atual, podemos afirmar que entre os anos de 2015 e 2016, teve início uma série de ataques e desmontes das políticas de educação do campo. Após o afastamento da então presidenta Dilma Rousseff pelo *impeachment*, o seu vice, Michel Temer, que assume a presidência da república, na qual, “[...] a maioria dos projetos foram sendo destituídos tanto no governo Temer quanto no atual” (CARDOSO NETO; NEZ, 2021, p.126), entre 2019 e 2022 no governo Bolsonaro que também fez parte de muitos cortes em relação a educação.

Bolsonaro criou a ideia de “terra arrasada”, tudo não teria sido feito, as políticas educacionais representariam um caos, por isso, seu indicativo é privatizar tudo que for possível. Além disso, instituir a educação a distância desde o Ensino Fundamental, destituir as políticas de inclusão social em relação às ações vinculadas a gênero, entre outras que, grosso modo, parecem sem sentido, mas, que quando analisadas integralmente, fazem parte de um modelo de governo autoritário e articulado aos interesses do capital (CARDOSO NETO; NEZ, 2021, p.126).

Esses últimos governantes destruíram muitas propostas que foram construídos entre os governos de Lula e Dilma, na qual, buscavam sempre fortalecer o direito a educação, as políticas de acesso e permanência voltadas para toda a população, com investimentos em todas as etapas de ensino. Esses governos, em que as críticas que devem ser feitas, tiveram um olhar direcionado às populações do campo, em especial a juventude, com destaque para os cursos técnicos e superiores de educação.

As discussões sobre a educação do campo e a juventude campesina possibilita a compreender questões sobre o processo de desigualdade e exclusão presentes na sociedade capitalista, com isso, seguimos as questões teóricas sobre a educação e o capital.

2.1 “Educação X Capital”: A Educação para além do Capital e a Juventude Campesina

A educação é um processo transformador para o desenvolvimento e realidade do ser humano, e através da nossa formação que podemos compreender de uma forma mais ampla as particularidades, que vão sendo construídas ou compartilhadas de acordo com as questões da sociedade. Na qual, são abordadas discussões que analisam o processo educacional na estrutura capitalista, gerando pautas voltadas para além do mercado de trabalho, já que, a juventude está moldada nas ações que visa uma relação direta com qualquer setor econômico, mas é necessário e relevante direcioná-los aos setores sociais e políticos, visando um futuro com jovens preparados, transformadores da sua própria história, ampliando suas relações sociais em diversos campos de estudo.

Poucos negariam hoje que os processos educacionais e os processos sociais mais abrangentes de reprodução estão intimamente ligados. Consequentemente, uma reformulação significativa da educação é inconcebível sem a correspondente transformação do quadro social no qual as práticas educacionais da sociedade devem cumprir as suas vitais e historicamente importantes funções de mudanças. Mas, sem um acordo sobre esse simples fato, os caminhos dividem-se nitidamente (MÉSZÁROS, 2008, p. 25).

Compreender que o processo educacional e social pode desenvolver nos sujeitos diferentes concepções e perspectivas de ações culturais, políticas, populares e transformadoras do contexto, será sempre muito relevante, principalmente por estamos inseridos em uma realidade que reproduz os interesses manipuladores. Mas a educação não necessita ser pensada juntamente com o sistema, já que, o mesmo prioriza uma qualificação individualista, que pensa apenas em questões lucrativas e competitivas. Em virtude disso, propor mudanças no quadro social é necessário, mas também é preciso rever os problemas estruturais que já

estão enraizados tanto no sistema capitalista como no processo educacional, em que, estão sendo feitas pequenas reformas para situações momentâneas e assim mantendo exigências do próprio sistema.

Os espaços educativos precisam formar os sujeitos críticos e problematizados, deixando o lugar de depósito de informações, onde os conhecimentos populares dos/as alunos/as não são valorizados. Então, para “Romper com a lógica do capital na área da educação equivale, portanto, a substituir as formas onipresentes e profundamente enraizadas de internalização mistificadora por uma alternativa concreta abrangente” (MÉSZÁROS, 2008, p.47). Com isso, devemos pensar na educação, com perspectivas inovadoras, considerando sempre o contexto e a realidade que estamos inseridos, sem moldar em uma estrutura que só visa uma formação tecnicista, que retira a essência da comunidade escolar, pois o sistema capitalista desconsidera pensar as particularidades do ser social, estando inseridos em uma lógica de interesses econômicos e políticos.

Uma educação de qualidade não pode se preocupar com a preparação e a reprodução, em série, de trabalhadores (sejam eles burocratas, educadores, médicos, engenheiros, cientistas ou outros). As mudanças educacionais não podem ser exclusivamente influenciadas pela necessidade de mão-de-obra qualificada, principalmente quando essa qualificação vai privilegiar apenas o reino da mais-valia (RAYS, 2006, p.95).

Estamos em uma realidade que buscamos a educação como ponte para o mercado capitalista, e assim temos profissões que ganham mais e que são vistas como essenciais. Dessa forma, deixando de lado o real objetivo da educação e o quanto pode ampliar sua origem e identidade para um processo cheio de novas transformações. Nesse contexto a educação é vista como mercadoria, em que, são qualificados e direcionados como produtos do trabalho humano, ou seja, as instituições que eram para formar sujeitos para a vida, estão sendo locais de instrução para prepará-los sobretudo para o mercado de trabalho. Mostrando que o objetivo do sistema capitalista é obter lucro, na qual, não importa quem está por trás e o que podem perder. Mas como destaca (MÉSZÁROS, 2008, p. 09) “[...] a educação não é um negócio, é criação. Que educação não deve qualificar para o mercado, mas para a vida”. Com isso, acreditamos que os processos pedagógicos podem ser construtivos e inovadores dando uma visão social mais crítica das nossas ações enquanto seres humanos em formação.

A relação dos jovens com a escola também deve ser pensada, pois é preciso chamar a atenção para essas instâncias e limitações que cercam as instituições e a educação, já que, o vínculo com o trabalho para a formação do ser humano pode ser influenciadora. As críticas e situações da sociedade pode mostrar que o processo educativo formal, não formal e informal

(GOHN, 2010) amplia a perspectiva e visão de se reconhecer como sujeito que não se limita apenas ao acúmulo do capital que é imposto pela sociedade contemporânea.

No sistema capitalista não há espaço para uma construção social, política e autônoma da formação. “É por isso que é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativa diferente” (MÉSZÁROS, 2008, p. 27), buscando uma valorização da educação ampliada e contextualizada, sem um pensamento tão focado na lógica capitalista. “Articular a educação, em seu sentido mais amplo, com os processos de formação dos indivíduos como cidadãos, ou articular a escola com a comunidade educativa de um território, é um sonho, uma utopia, mas também uma urgência e uma demanda da sociedade atual” (GOHN, 2010, p. 15).

Dessa forma, se faz necessário pensar a Educação de forma Integral. Na perspectiva de Marx e Engels (2011), esse modelo de educação não privilegia apenas um aspecto do ser humano, mas sua totalidade, uma formação Omnilateral que potencializa todas as dimensões, numa perspectiva crítica e emancipada. No que tange à concepção de educação pautada nos princípios da Omnilateralidade, Frigotto e Ciavatta (2012), evidenciam que:

Omnilateral é um termo que vem do latim e cuja tradução literal significa ‘todos os lados ou dimensões’. Educação omnilateral significa, assim, a concepção de educação ou formação humana que busca levar em conta todas as dimensões que constituem a especificidade do ser humano e as condições objetivas e subjetivas reais para o seu pleno desenvolvimento histórico. Essas dimensões envolvem sua vida corpórea material e seu desenvolvimento intelectual, cultural, educacional, psicossocial, afetivo, estético e lúdico. Em síntese, educação omnilateral abrange a educação e a emancipação de todos os sentidos humanos, pois os mesmos não são simplesmente dados pela natureza. (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2012, p. 265).

Dessa forma, Educação Omnilateral (ou onilateral), visa o desenvolvimento pleno do ser humano nas diversas dimensões, na perspectiva de formação como sujeitos críticos, protagonistas das transformações históricas e sociais.

A formação mais ampla de cada sujeito envolve campos diferenciados de acordo com a demanda da sociedade, mas é “fantasiada” uma pedagogia em apenas um espaço. Porém como já foi citado há uma necessidade existente nas relações sociais que requer uma articulação com particularidades e princípios formais que tem um espaço próprio, a não formal que vem da trajetória de vida e da informal que é atribuído ao pertencimento herdado.

Em princípio podemos caracterizar a educação formal como aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os

processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos; e a educação informal como aquela na qual os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização gerada nas relações e relacionamentos intra e extrafamiliares (amigos, escola, religião, clube etc.) (GOHN, 2010, p.16).

A relação entre esses espaços de conhecimentos é muito significativo para formação humana e social, levando a interação entre as ações interdisciplinares com a realidade enquanto sociedade com o contexto institucional da escola. Segundo Silva Filho (2021, p.55) “Um dos primeiros passos para a revisão da escola e da sala de aula é tornar esses ambientes mais parecidos com algumas coisas que se pareça com a vida dos sujeitos. Esses espaços estão deslocados da realidade”.

Com isso, a educação existe em diversos âmbitos e com muitos vieses, mas também apresenta uma relação de socialização e coletividade, sendo de suma importância a variedade proposta durante o processo educacional. Sobretudo, com agentes e educadores que contribuem nas necessidades consideradas de acordo com as ideias e ações de conhecimentos, sem uma visão tecnicista, ampliando o campo de visão para além de uma busca financeira, também mostrar que a educação é transformadora e pode nos possibilitar inúmeras referências.

A educação entra neste processo de formação com um direito humano, para desenvolvimento de ser humano. A educação contribui para criação de uma cultura universal dos direitos humanos, fortalecimento aos direitos e liberdades fundamentais do ser humano, desenvolvimento de sua personalidade, respeito às diferenças, atitudes de tolerância, amizade, solidariedade e fraternidade com o semelhante (GOHN, 2010, p. 58).

A formação é consciente quando os direitos humanos são respeitados e cumpridos, pois a educação deve ser vista pelo seu papel seja ele formal, não formal e informal, em que, contribuí na capacidade de valores, solidariedade e cidadania. Mostrando novas possibilidades, ou seja, “a eficácia e a qualidade dos métodos de ensino deverão estar diretamente ligadas à formação integral do educando e não às necessidades imediatistas da dimensão alienante da globalização” (RAYS, 2006, p.95). Já que, as discussões sobre a formação voltada ao mercado capitalista, influencia no desenvolvimento crítico da juventude.

Quando paramos para discutir sobre as expectativas da juventude, em relação ao futuro, os mesmos ficam perdidos, já que, o mundo tem tantas possibilidades e muitas vezes cabe a cada sujeito traçar um objetivo, mas também sabemos que o apoio daqueles que os cercam e o contexto que estão inseridos são bastante relevantes para o processo de formação humana e para as relações sociais. A falta de uma educação libertadora pode também estar

relacionado com a falta novas perspectivas da juventude contemporânea, visto isso, destaco a importância de abrir novas discussões sobre a educação para além do capital, pois há muitos fatores que podem intervir nas tomadas de decisões, já que, estamos em uma sociedade capitalista que manipula as escolhas, mostrando sempre o quanto pode ser competitivo e desafiador para juventude.

2.2 Educação Libertadora como Possibilidade para a Formação Omnilateral da Juventude Campesina

É primordial dialogar sobre a educação que se coloca para além de uma formação capitalista, que busca contribuir diretamente na transformação do sujeito como protagonista da sua própria história. “A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica” (FREIRE, 2005, p. 07). Sendo assim, a educação do campo, popular, social, comunitária e libertadora, busca ter um olhar direcionado, contextualizado, construtivo e autônomo que contribuí para novas propostas, de acordo com os princípios Freireanos, utilizando metodologias coletivas, dialógicas, contextualizadas, teóricas e práticas.

Não se pode mudar o mundo sem mudar as pessoas: mudar o mundo e mudar as pessoas são processos interligados. Mudar o mundo depende de todos nós: é preciso que cada um tome consciência e se organize. Educar para outros mundos possíveis é educar para superar a lógica desumanizadora do capital que tem no individualismo e no lucro seus fundamentos, é educar para transformar radicalmente o modelo econômico e político atual, para que haja justiça social e ambiental (GADOTTI, 2012, p. 31).

A educação é uma ferramenta extremamente importante para o processo de desenvolvimento do ser humano, pois é através da mesma que tornamos sujeitos críticos, autônomos e transformadores, na qual, ampliamos nossas ações futuras, já que estamos inseridos em uma sociedade influenciada pelo sistema capitalista.

Então, discutir sobre alternativas inovadoras para contribui na formação e perspectiva da juventude campesina é uma necessidade que possibilita refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem desses sujeitos a partir da relação entre o contexto que estão inseridos e com a teoria. “O que é aprendido não decorre de uma imposição ou memorização, mas do nível crítico de conhecimento, ao qual se chega pelo processo de compreensão, reflexão e crítica” (LUCKESI, 1994, p. 66). Assim, a representação que o contexto tem sobre os sujeitos é fator

determinante para a compreensão crítica da realidade, isso no campo tem potencial ainda maior para conscientizar a juventude, visto que os mesmos estão inseridos em um território rico em saberes, diversidade e aprendizagens.

Mészáros (2008), afirma que em uma sociedade que busca superar a lógica do capital, os sujeitos precisam alcançar sentidos humanizadores e emancipatório em suas próprias ações. Nesse sentido, a educação libertadora possibilita a transformação crítica dos sujeitos, para assim, compreender problemáticas presentes no meio social e político, sendo necessário também entender como a alienação estar presente na sociedade, no sentido de está enraizado pelo sistema opressor.

A educação libertadora e a Omnilateral buscam a transformação dos sujeitos de um nível de senso comum para um patamar crítico, reflexivo e que tenham autonomia sobre suas ações na sociedade. Assim, não se pode servir apenas como suporte para o sistema capitalista, que visa apenas o lucro. Nesse sentido, os sujeitos podem conscientizar-se não só sobre os seus direitos enquanto cidadão, mas também a não aceitar barreiras que são postas pelos opressores, já que, a juventude campesina perpassa diariamente por dificuldades que influenciam diretamente nas suas escolhas. Sendo assim, ter acesso a uma formação de qualidade, libertadora, popular, comunitária e do campo, significa ter novas possibilidades que dialogue e contextualize com a realidade em que estão inseridos.

Por isso, pensar em novas alternativas para a formação do ser social e principalmente direcionada com a realidade campesina é bastante relevante para um futuro transformador da juventude. Mesmo, não rompendo as classes dominantes e o sistema capitalista, podemos mostrar que a educação libertadora contribui diretamente para atenuar os problemas sociais, políticos e educacionais.

O método de conscientização de Paulo Freire refaz criticamente esse processo dialético de historicização. Como todo bom método pedagógico, não pretende ser método de ensino, mas sim de aprendizagem; com ele, o homem não cria sua possibilidade de ser livre, mas aprende a efetivá-la e exercê-la. A pedagogia aceita a sugestão da antropologia: impõe-se pensar e viver “a educação como prática da liberdade” (FREIRE, 2005, p. 18).

Esse método contribui para a formação de conhecimentos sociais, políticos, culturais e emancipatórios, tendo um olhar mais peculiar/específico sobre as dificuldades e ações que vêm sendo abordado na sociedade, escolas e no contexto dos professores e dos/as alunos/as. Com isso, o processo de ensino e aprendizado está direcionado não apenas nas questões materiais, mas dando contribuições para novas possibilidades, sendo traços essenciais e conscientizadores que baseia-se na troca de experiências, no diálogo e nas relações sociais, na

qual, mostra a importância dos espaços educacionais formais, informal e não formal, que são significativos para a formação omnilateral.

As possibilidades do desenvolvimento humano omnilateral e da educação omnilateral inscrevem-se, por isso, na disputa de um novo projeto societário – um projeto socialista – que liberte o trabalho, o conhecimento, a ciência, a tecnologia, a cultura e as relações humanas em seu conjunto dos grilhões da sociedade capitalista; um sistema que submete o conjunto das relações de produção e relações sociais, educação, saúde, cultura, lazer, amor, afeto e, até mesmo, grande parte das crenças religiosas à lógica mercantil (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2012, p. 269).

Refletir sobre as particularidades que fazem parte de um conjunto de elementos que compõem a formação humana, a identidade e os conhecimentos teóricos e práticos, possibilita uma educação que vai além de métodos engessados. Sendo que a sociedade está sempre passando por diversas transformações e pode possibilitar um universo de elementos, para a nossa formação humana e social.

Nesse sentido, precisamos abrir novos horizontes, buscar construir e compreender as narrativas de vida, enquanto sociedade. Para a juventude camponesa é um pouco mais difícil reconhecer como protagonistas de uma realidade que contribui como referência para o contexto atual e futuro dos mesmos, já que, historicamente são moldados e excluídos de ações que deveriam contribuir como uma perspectiva e motivação da formação transformadora e libertadora. Por isso, a importância de pensar na educação para além do capital e principalmente para os jovens que estão inseridos em formações capitalistas e excludente, levando a bloqueios futuros.

Na juventude, é muito comum, dentre as inquietações existenciais, que as juventudes busquem engajamento em grupos, que encontrem formas de pertencimento. A construção do projeto de vida passa então pelo olhar na realidade como tal, exercitando o olhar crítico sobre o que está ao seu redor, para assim vislumbrar possibilidades de ações. E assim, os jovens vão adquirindo condições de rever e celebrar o que foi construído (VIANA; BRITO, 2018, p. 91).

A juventude, muitas vezes não tem um projeto de vida definido, por isso, a importância de dialogar sobre a realidade e o qual nosso contexto é determinante para a formação humana, já que, são nesses espaços que estão ao nosso redor que aprendemos a problematizar com os desafios que influenciam diariamente na tomada de decisões. Com isso,

é relevante valorizar as particularidades e o contexto que vivemos, seja a partir dos vínculos afetivos como também pelas relações sociais.

A educação enquanto direito humano deveria emergir das lutas históricas da classe popular no combate aos processos exploratórios do capitalismo vigente. Sabemos que a educação elitizante detém o poder hegemônico e não defende os direitos sociais, econômico e cultural para o povo. A classe dominante não aposta na educação Popular defendida por Paulo Freire, porque é perigosa para eles, no sentido de ser ela crítica, problematizadora e questionadora do poder opressor. A sociedade capitalista é desumana, e vemos que ela está presente no comando do sistema governamental. Sistema este que influencia nas políticas educacionais (SILVA; PAULO, 2018, p. 3).

A educação deveria ser o espelho para a juventude crescer criticamente sobre as ações sociais, políticas e culturais, mas estamos cada vez mais moldados em uma educação manipuladora, que mesmo com propostas “inovadoras” pode incluir e ao mesmo tempo excluir, devido fatores de opressão, desigualdade social, econômica e entre outras.

Para Paulo Freire (2005), uma pedagogia para humanização parte da luta de um povo que não quer ser oprimido, exigindo um espaço na sociedade para se expressar e viver com dignidade. O processo de libertação vai para além do direito à educação, a moradia e a liberdade de expressão, é, portanto, compreender que a educação para a conscientização não aceita as opressões advindas da sociedade capitalista, geradora das desigualdades entre contextos urbanos e rurais, preconceito entre trabalho manual e intelectual e da pobreza (SILVA; PAULO, 2018, p. 5).

A educação libertadora pode ser uma das alternativas como formação omnilateral, na qual, o desenvolvimento crítico e emancipatório abrange todos os sentidos humanos. Então pensar nessa perspectiva possibilita construir uma visão ampla, problematizadora e conscientizadora das nossas ações enquanto sujeitos transformadores.

A juventude campesina sofre com a realidade da educação no cenário atual, na qual não supera o quão complexo está a formação de sujeitos que poderiam transformar a própria perspectiva. A educação omnilateral pode contribuir significativamente para a superação do contexto excludente, com uma visão que dialoga diretamente com as experiências e histórias que permeiam a vida de quem vive no campo.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa científica é fundamental para a construção de conhecimentos críticos, além de ser indispensável o diálogo teórico com as situações problemas das mais diversas situações. “Entendemos por *pesquisa* atividade básica da ciência na sua indagação e

construção da realidade” (MINAYO 2009, p.16). Constituindo aspectos de investigação e questionamentos para compreender fatores presentes na sociedade com um olhar mais analítico e específico na área das Ciências Humanas e sociais.

3.1 A Classificação da Pesquisa

Para contribuição dessa pesquisa, optamos pela qualitativa que segundo Minayo (2009, p.21), “Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não dever ser quantificado”. Essa pesquisa não baseia em números, visa a descrição de aspectos da realidade social como: as pessoas, os lugares, as crenças e os valores, ou seja, dando significados aos interesses amplos acerca dos fenômenos humanos que fazem parte das ações vivenciadas nesse meio.

Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995, p.58).

A pesquisa em questão busca a representação e a compreensão dos fatores/formações sociais, dialogando com a perspectiva e especificidades dos sujeitos. A pesquisa qualitativa também é caracterizada com as “ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural [...]” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.32). Buscando sempre salientar as experiências humanas e o contexto do sujeito da pesquisa.

Nesse sentido, aproximar o contexto do sujeito da pesquisa com os autores mencionados durante o trabalho, fortalecemos a importância de compreender antes de qualquer problema a trajetória afetiva, social, cultural e humana da juventude campesina, pois enquanto pesquisador não podemos tratá-los apenas como objeto de estudo.

Salienta-se ainda que a classificação desta pesquisa é de natureza exploratória e descritiva, pois segundo Gil (2017, p. 42), “[...] as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática”. Assim, proporcionam uma análise acerca da visão crítica sobre o problema da pesquisa e das relações do contexto afetivo e social dos sujeitos.

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado (GIL, 2017, 41).

Segundo Gil (2017), ambas as pesquisas tem como objetivos principal refletir, caracterizar e aproximar determinado fenômeno para formular o problema e assim estabelecer a hipótese do estudo. Sendo assim, na pesquisa descritiva “[...] os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática” (GIL, 2017, 42).

3.2 Levantamento Bibliográfico/documental e de campo

A pesquisa bibliográfica possibilita o levantamento de referências teóricas com informações e conhecimentos sobre inúmeros assuntos, onde aproxima o pesquisador conhecer estudos para se basear e traçar novas pesquisas. “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2017, 44). Com isso, nesse trabalho utilizamos livros, monográficas, artigos, projeto político pedagógicos e outros materiais diversificados que propõe analisar teoricamente problemáticas sociais, políticas, culturais e humanas, além de contextualizar com o campo de estudo.

Com essas características é necessário determinar a natureza da pesquisa, na qual, consiste na observação e análise de fatos, fenômenos e informações acerca do problema em questão. “Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar [...]” (MARCONI E LAKATOS, 2003, p. 186), além de descobrir e analisar espontaneamente os aspectos do campo de estudo.

3.3 Instrumentos de coleta de dados

Nessa pesquisa buscamos utilizar o questionário com questões abertas e fechadas como instrumento de coleta de dados. Como destaca Gil (2017) o questionário é um conjunto

de quartões que contribui significativamente para obter informações sobre “opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas” (GIL, 2017, 42).

Nas questões abertas, o informante responde livremente, da forma que desejar, e o entrevistador anota tudo o que for declarado. Nas questões fechadas, o informante deve escolher uma resposta entre as constantes de uma lista predeterminada, indicando aquela que melhor corresponda à que deseja fornecer (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.70).

Sendo assim, o questionário utilizado na coleta de dados (APÊNDICE A-B) é composto por (07) perguntas para os discentes e (06) para os docentes entre elas “abertas e fechadas”. Com objetivo de compreender e problematizar a perspectiva referentes aos sujeitos pesquisados, após análise crítica com a teoria dos estudos realizados e com os resultados coletados.

O questionário foi respondido por (12) alunos/as da turma 3º Ano “A” no dia 08 de maio de 2023, sendo esses todos da zona rural do município de Upanema/RN. Nesse mesmo dia (06) professores também responderam o questionário (APÊNDICE B).

Para a elaboração dos dados foi necessário o diálogo com a vice-diretora e com o diretor pelo *WhatsApp* e na escola, na qual, foi disponibilizado o Projeto Político Pedagógico e outros documentos normativos da instituição, para analisar informações sobre a história da instituição, o perfil dos professores e alunos/as.

A perspectiva da educação crítica com os autores Mészáros, Paulo Freire e Marx, em se tratando da educação do campo trabalhamos com Caldart e Arroyo. No campo da temática sobre juventude utilizamos Dayrell, Viana e Brito, além de outros que também são significativos na construção teórica e metodológica desse trabalho.

A pesquisa foi realizada na escola Estadual José Calazans Freire. A escola é a única de Ensino Médio do município, que recebe alunos/as da zona rural e zona urbana. Os sujeitos da pesquisa, como já destacado, são estudantes de uma turma do 3º ano do Ensino Médio, com faixa etária entre 16 a 20 anos. Dentre esse universo escolhemos aqueles oriundos da zona rural, a escolha se justifica pela natureza do objeto de pesquisa. Além desse, também temos como sujeitos da pesquisa os professores que estão em atuação na referida escola.

4. ESCOLA ESTADUAL JOSÉ CALAZANS FREIRE COMO POSSIBILIDADE PARA FORMAÇÃO DA JUVENTUDE CAMPESINA: QUE ESCOLA É ESSA?

O debate sobre a educação do campo e a garantia de políticas públicas está cada vez mais frequente e necessário seja na universidade, nos eventos e seminários, pois ainda persiste as condições de exclusão, negação dos direitos e da formação fragmentada para os povos do campo. Sendo assim, é de fundamental importância dialogar e contribuir com propostas que valorizem a identidade, trajetória de vida, as causas socioculturais e políticas das populações do campo.

Este olhar para educação do campo como um direito tem um outro desdobramento importante: pensar uma política de educação que se preocupe também com o sujeito de educar quem é o sujeito desde direito, de modo a construir uma qualidade de educação que forme as pessoas como *sujeitos de direitos* (CALDART, 2011, p. 150).

A juventude campesina enfrenta barreiras pela ausência dessas políticas, sendo necessário reivindicar por direitos e questionar sobre espaços de formação que deveriam dialogar com o cotidiano dos mesmos. Mas, esta pauta leva a problematizar o próprio currículo, já que, descontextualiza e fragmenta a formação que deveria compreender a realidade e as transformações sociais que a contemporaneidade enseja.

Diante deste contexto, inúmeros questionamentos estão surgindo entre gestores públicos, educadores e lideranças dos movimentos sociais quanto ao projeto de educação a serem construídos nas comunidades rurais diante das transformações que estão ocorrendo e irão ocorrer nesses espaços. Para alguns, esse processo de mudança tem distanciado os camponeses de suas origens culturais, suas tradições e costumes, resultando num processo de descaracterização destes grupos sociais (LIMA, 2013, p. 609).

É nesse momento que as ações, políticas públicas e os currículos devem ser revisados e até mesmo, em alguns casos, reelaborados, pois as escolas do campo devem ter uma perspectiva que pensa desde o lugar, os sujeitos, as práticas educativas e a interdisciplinaridade entre o contexto formal e informal.

A escola do campo tem que ser um lugar onde especialmente as crianças e os jovens possam sentir orgulho desta origem e destino; não porque enganados sobre os problemas que existem no campo, mas porque dispostos e preparados para enfrentá-los, coletivamente (CALDART, 2011, p. 157).

Respondendo a questão inicial – que escola é esta? – a escola do campo possibilita formar a juventude campesina para o mundo e com o mundo, impulsionando a uma geração

crítica, reflexiva e transformadora. Então essa escola deve estar sempre em processo de transformação da realidade dos sujeitos e de si mesma, já que, vincula-se com a sociedade e a vivência da juventude.

Os saberes e os conhecimentos abordados no currículo das escolas do campo, além de terem uma relação direta com as vivências e as experiências dos jovens, devem possibilitar o desenvolvimento de competências e habilidades voltadas para o desenvolvimento das atividades sociais, culturais e produtivas no meio rural (LIMA, 2013, p. 611).

Desse modo, o currículo direcionado para a escola do campo motiva a permanência e a afetividade da juventude, pois dialoga com a realidade e a produção campesina. Então, esses estão saindo do campo por falta de políticas públicas, procurando assim outros espaços sejam em busca uma formação que deveria ser ofertado pelo poder público e em última instância pela escola.

Sair do campo para estudar, ou estudar para sair do campo não é uma realidade inevitável, assim como não são imutáveis as características, marcadamente alheias à cultura do campo, das poucas escolas que o povo tem conseguido manter nele (CALDART, 2011, p.111).

A escola do campo é uma alternativa que possibilita a permanência ou a volta ao campo, valorizando as raízes e a produção social, cultural e agrícola baseada nos saberes das populações locais. Desenvolvendo ações coletivas, autônomas e cheias de experiências dentro e fora do espaço educativo, já que, devemos levar em consideração as peculiaridade e especificidades dos sujeitos do campo.

[...] que a escola, a educação básica tem de se propor tratar o homem, a mulher, a criança, o jovem do campo como sujeitos de direitos. Como sujeitos de história, de lutas, como sujeitos de intervenção, como alguém que constrói, que está participando de um projeto social. Por isso que a escola tem que levar em conta a história de cada educando e das lutas do campo (ARROYO, 2011, p.74).

Levando em consideração a relevância da educação do campo e da formação voltada para essa população, podemos entender o quão devemos reconhecer a nossa própria história e conhecer o processo histórico, pois em primeiro lugar devemos valorizar as nossas raízes enquanto filhos do campo. Em segundo lugar é fundamentalmente necessário que o Estado também reconheça a importância dessas populações enquanto promotoras de saberes e culturas, oriundos das suas próprias histórias de vida, sendo esse fenômeno condição impar para o desenvolvimento sócio-histórico e econômico do país.

Nesse sentido, é necessário entender qual o papel da escola para a formação dos sujeitos do campo, além das contribuições e perspectivas que estão entrelaçadas com as transformações sociais, culturais, históricas, econômicas e populares presentes na formação humana. Existe também as influências de um sistema vinculado, sobretudo, aos interesses do capital.

[...] o papel da educação é soberano, tanto para a elaboração de estratégias apropriadas e arqueadas para mudar as condições objetivas de reprodução, como para *automudanças consciente* dos indivíduos chamados a concretizar a criação de uma ordem social metabólica radicalmente diferente (MÉSZÁROS, 2008, p. 65).

Levando em consideração essa perspectiva, a educação contribui significativamente para a formação social e humana. Nesse sentido, vale ressaltar que o processo emancipatório e transformador faz parte das ações e alternativas para o diálogo entre os espaços educacionais, com as vivências presentes na realidade dos sujeitos do campo. Para “Olhar a escola como um lugar de formação humana significa, dar-se conta de que todos os detalhes que compõem o seu dia a dia, estão vinculados a um projeto de ser humano, que estão ajudando a humanizar ou a desumanizar as pessoas” (CALDART, 2011, p.120). Sendo assim, necessário esse diálogo sobre o contexto e a realidade que a juventude campesina está inserida, dando significados e valorizando as experiências vivenciadas nos espaços educacionais e no lugar onde vive.

Então, refletindo sobre a formação da juventude campesina, precisamos relacionar um conjunto de saberes e as experiências populares para ampliar o currículo pensado de acordo com as especificidades desses sujeitos. Assim [...] “esses saberes escolares têm que estar em sintonia com os saberes, os valores, a cultura a formação que acontece fora da escola (ARROYO, 2011, p.78). Nesse sentido, esse diálogo entre as diferentes realidades com a teoria é fundamental, seja qual for o espaço educativo, já que, todo saber é importante.

Posteriormente o capítulo apresentará um breve histórico sobre a escola e os professores presentes na pesquisa, sendo necessário entender o contexto em que a mesma está inserida. O objetivo desta seção é aproximar o leitor da realidade concreta em que a pesquisa foi ensejada.

4.1 Caracterização da Escola Estadual José Calazans Freire: Recursos materiais/estrutura física e humanos

A Escola Estadual José Calazans Freire, localizada no município de Upanema-RN, é referência por ser a única escola de Ensino Médio no município. Até o ano de 1979 existiam apenas as escolas Alfredo Simonetti e o Ginásio Agrícola Municipal que oferecia o 1º Grau menor e maior, sendo que a partir da demanda surge a necessidade de ofertar o Ensino Médio (PPP, 2022). Após a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC), que foi criada a 1ª Escola Cenecista de Iº e IIº Graus José Calazans Freire, sendo mantida por bolsas de estudos, materiais e equipamentos com parceria da Prefeitura Municipal de Upanema. A instituição recebeu esse nome em homenagem a um morador que era atleta, recebeu também autorização para o funcionamento do Conselho Estadual de Educação (CEE) pela portaria 199/86 e o parecer do CEE, 17/86, mencionado no Projeto Político Pedagógico da escola (PPP, 2022).

A gestão das escolas Cenecistas deveria ser escolhido pela comunidade escolar, mas isso não era posta em prática, pois as nomeações eram feitas por indicações políticas. Após 10 anos de funcionamento da instituição, foi possível escolher um gestor, sendo este o professor Luiz Gonzaga Gondim que tinha como principal proposta a estadualização da escola, já que, a mesma passava por grandes dificuldades financeiras que gerava problemas na manutenção e funcionamento. Nesse mesmo período foi necessário criar o Grêmio Estudantil, pois com a representação dos/as alunos/as e da gestão, fortalecia a luta pela estadualização da escola (PPP, 2022).

Para que a escola fizesse parte da Rede Estadual de Educação Básica, a mesma dependia de apoio político, sendo assim, elaborado e entregue um documento que contava a situação da instituição para os candidatos ao governo estadual da época Lavoisier Maia Sobrinho e José Agripino Maia. Após José Agripino vencer a eleição, foi publicado no diário oficial do estado dia 11 de agosto de 1992 a estadualização da então chamada Escola Estadual José Calazans Freire- Ensino de 1º e 2º Graus, que também teve o apoio do prefeito neste mesmo ano, o Sr. Valério Augusto Tavares.

No ano de 2002 a escola, ainda funcionava no prédio da CNEC, que impossibilitava de receber o Projeto Alvorada II (Expansão e Melhoria da Rede Estadual de Ensino Médio), já que a escola não tinha um prédio próprio. Esse projeto era muito significativo, pois tinha como intuito adequar e reparar a instituição, promovendo capacitações para os docentes, além de possibilitar recursos para materiais pedagógicos e projetos escolares. Com isso, a

comunidade escolar fez um requerimento para o prefeito da época o Sr. Jorge Luiz da Costa, entrou com o processo de doação do prédio, deixando apto o município de Upanema-RN para receber o referido projeto e oferecer o Ensino Médio para a população. Após reforma e conclusão dos documentos, foi possível a transferência para o novo endereço da escola localizado na Avenida Gertúlio Vargas, nº 16, centro da cidade, onde se localiza até os dias de hoje.

A partir do ano de 2006, foi possível ter eleições diretas para a escolha de diretores e vice-diretores, na qual, foi a primeira escolha democrática da escola. Sendo relevante o diálogo sobre a gestão democrática que pode possibilitar a participação da comunidade escolar nas ações pedagógicas, no planejamento, além de contribuições coletivas e dialógicas.

A primeira perspectiva assume um caráter crítico-progressista, no qual a gestão democrática tem como princípios a participação de toda a comunidade escolar na construção e no desenvolvimento do Projeto Político Pedagógico, da autonomia, inclusive financeira, da escola e da descentralização de poder e de tarefas relativas à organização e ao funcionamento da escola, cujo objetivo principal é a qualidade da educação, tendo em vista que para funcionar com qualidade, é preciso que haja a participação da comunidade (PARO, 2003 *apud* SANTOS; SALES, 2012, p. 174).

Ter nas escolas uma gestão que dialoga com toda a comunidade escolar, é muito significativa, já que, como já mencionado anteriormente, as escolhas dos diretores seguiam totalmente por indicações políticas. Diante disso, precisamos superar paradigmas de uma educação hierárquica e tradicional, já que, ainda temos o gestor como uma “figura de líder e do autoritarismo”, quebrando com a finalidade de uma gestão democrática, que precisa da participação de todos os segmentos escolares, além do diálogo, da autonomia e das escolhas democráticas.

Em relação a estrutura física da Escola Estadual José Calazans Freire organiza-se da seguinte forma: 09 salas de aula, 06 banheiros, uma sala para gestão, uma sala de leitura, uma biblioteca, laboratórios de informática e de ciências, um depósito para merenda, um depósito para materiais diversos, uma sala para a secretaria, uma sala de apoio ao Programa Mais Educação, uma sala para o Grêmio Estudantil, uma sala de recursos multifuncionais, uma sala multimídias, um refeitório, uma cozinha, uma área de serviço, sala dos professores e equipe pedagógica. Em relação as condições de acessibilidade presentes na estrutura da escola, foram feitas no ano de 2007 algumas reformas de adaptação nos banheiros, rampas, sinalização tátil, além de cadeira de rodas e alguns materiais pedagógicos especializados para os usuários (PPP, 2022).

A escola oferece as modalidades de Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos e a Educação Profissional. A mesma funciona nos horários matutino de 7h às 11h 20min e vespertino de 13h às 17h 20min e noturno de 19h às 22h. A escola conta com 479 alunos/as atualmente, provindos da zona urbana e rural, em que, o deslocamento dos/as alunos/as da zona rural se dá por meio do ônibus e micro-ônibus, mantido por parceria pelo poder público Federal, Estadual e Municipal, já que, essa é a única escola do município de Upanema-RN que oferece o Ensino Médio.

A partir do ano de 2023, os gestores da referida escola são os professores Halysson Maciel Gama Pimenta e Klênia Cibelly Freire de Carvalho, respectivamente, diretor e vice-diretora. A instituição também conta com a coordenadora pedagógica e do suporte pedagógico.

O corpo docente da escola, conta atualmente com (13) professores efetivos atuando nos três turnos de funcionamento. A mesma possui professores formados com habilitação nas áreas específicas que atuam, além de outros que estão em disciplinas diversas para compor a carga horária. Na escola também tem (05) professores que estão readaptados na biblioteca e no laboratório de informática, (06) que são temporários. A seguir destacamos um quadro geral contendo em detalhes a relação de professores, formação, disciplinas e vínculo.

Quadro 1: Perfil Formativo dos Professores

PROFESSOR (A)	FORMAÇÃO	DISCIPLINA	VÍNCULO
Abimael Medeiros B. da Silva	Geografia	Geografia/ E. Religioso	Efetivo
Antônio Eudes B. e Silva Júnior	História	História	Efetivo
Aneladia Maria da Conceição Silva	Matemática	Matemática/ Física/ Química	Temporária
Alysson Carvalho Bezerra	Biologia	Biologia	Efetivo
Antonio Quaresma da Silva	Física	Física/ Química	Efetivo
Eva Maria Ribeiro da Silva	Pedagogia	Educação Especial	Temporária
Francisca das Chagas. de Andrade Oliveira	Pedagogia	Educação Especial	Efetivo
Francisco Gondim de Araújo	Língua Portuguesa	Português/ Inglês/ Espanhol	Efetivo
Francisco Xavier Gondim	Letras- Língua Portuguesa e Inglesa	Português/ Inglês	Efetivo
Geane Gomes Campina	Matemática	Matemática/ Biologia	Efetivo
Guilherme Luiz Pereira Costa	Ciências Sociais/ História	Sociologia/ Filosofia/ História	Efetivo
Jânio da Silva Carvalho	Geografia	Geografia/ História/ Filosofia	Efetivo
Jebson dos Santos Targino	Ed. Físico	Ed. Físico	Temporário
Jonas Carlos de Carvalho	Língua Inglesa	Inglês	Temporário
Kim Farias Baggio Nicola	L. Música	Arte	Temporário
Luzia Maria de Castro	Matemática	Matemática/Ciências	Efetivo
Márcio Meneses Duarte	Ed. Físico	Ed. Físico	Temporário

Maria Disnelândia C. Bezerra	Matemática	Matemática	Efetivo
Raimundo Monteiro de Araújo	História	História/ Filosofia	Efetivo

Fonte-Autoria Própria (2023)

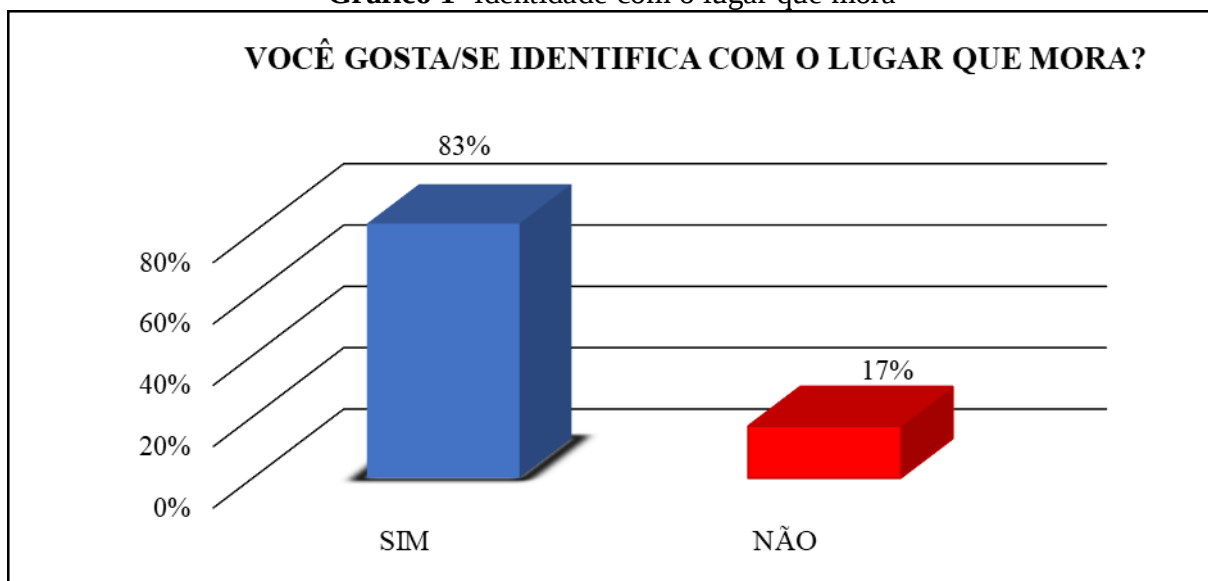
A importância de conhecer sobre o contexto da pesquisa enquanto espaço físico, os sujeitos e o processo histórico da escola, é indispensável para compreender os aspectos que fazem parte do campo de estudo. Para assim, dialogamos posteriormente com os conhecimentos críticos utilizados durante a construção desse trabalho.

Em seguida na próxima seção dialogamos com os sujeitos da pesquisa, onde foi aplicado o questionário para obter informações importantes para seguir com a análise teórica, exploratória e descritiva desse trabalho.

5. DIÁLOGO COM OS SUJEITOS: EDUCANDOS(AS) E DOCENTES DA ESCOLA ESTADUAL JOSÉ CALAZANS FREIRE

A discussão abordada nessa seção apresenta os resultados obtidos a partir da análise dos dados dos/as alunos/as e professores. Sendo possível também problematizar com diálogo teórico e crítico dos autores. Mas, mesmo capturando a posição e o lugar de fala da forma mais profunda possível, ainda assim, reconhecemos que algumas respostas deixaram desejar no aspecto completude, o que é comum quando nos dispomos a questionar alunos/as e professores da educação básica.

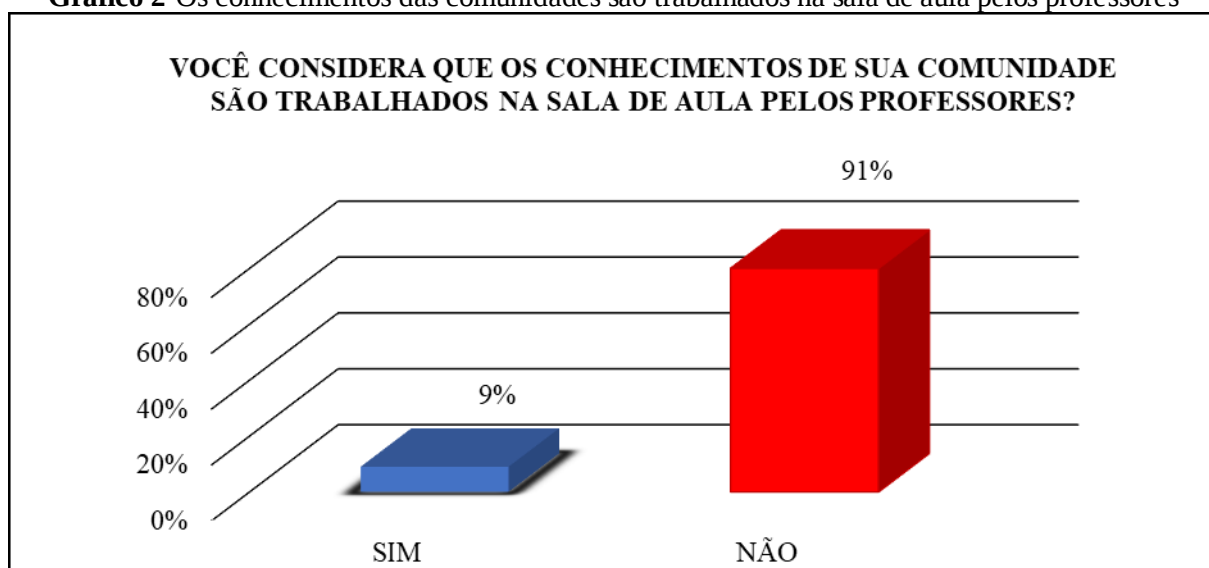
A apresentação dos dados coletados inicia-se com análise do gráfico 1, mediante ao questionamento sobre a relação identitária do local onde estão inseridos, com isso, foi possível observar que os/as alunos/as gostam e se identificam com o lugar onde moram. Já que o resultado apontou 83% para sim e 17% para não.

Gráfico 1- identidade com o lugar que mora

Fonte-Autoria Própria (2023)

Devemos reconhecer nossas raízes e valorizar a história de vida enquanto juventude do campo, na qual é relevante entender as questões afetivas e de pertencimento com o lugar onde mora. Mas, sabemos que os mesmos têm suas especificidades, sejam pela relação com o meio social, como também pelo meio familiar, sendo perceptível “[...] entender e refletir sobre a sociedade em que o jovem está inserido e na qual ele experimenta, circula e compartilha afetos” (PEREIRA; LOPES, 2016, p. 194). Sendo também necessário compreender como a sociedade pode proporcionar um sentido histórico e identitário para esses que estão em um espaço cheio de desvalorização.

Tendo em vista o seguinte questionamento para os/as alunos/as no gráfico 2, sobre os conhecimentos prévios de sua comunidade seriam trabalhados na sala de aula pelos professores, apenas um dos entrevistados afirma que “os alunos aprende mais com os conhecimentos que a escola recomendar”. Sendo que 91% dos/as alunos/as destacam que não há contextualização entre os conteúdos. Com isso, apontamos que é necessário pensar sobre alternativas curriculares, metodológicas e formações continuadas para que haja aproximação entre os temas trabalhados em sala de aula com a realidade da juventude campesina.

Gráfico 2-Os conhecimentos das comunidades são trabalhados na sala de aula pelos professores

Fonte- Autoria Própria (2023)

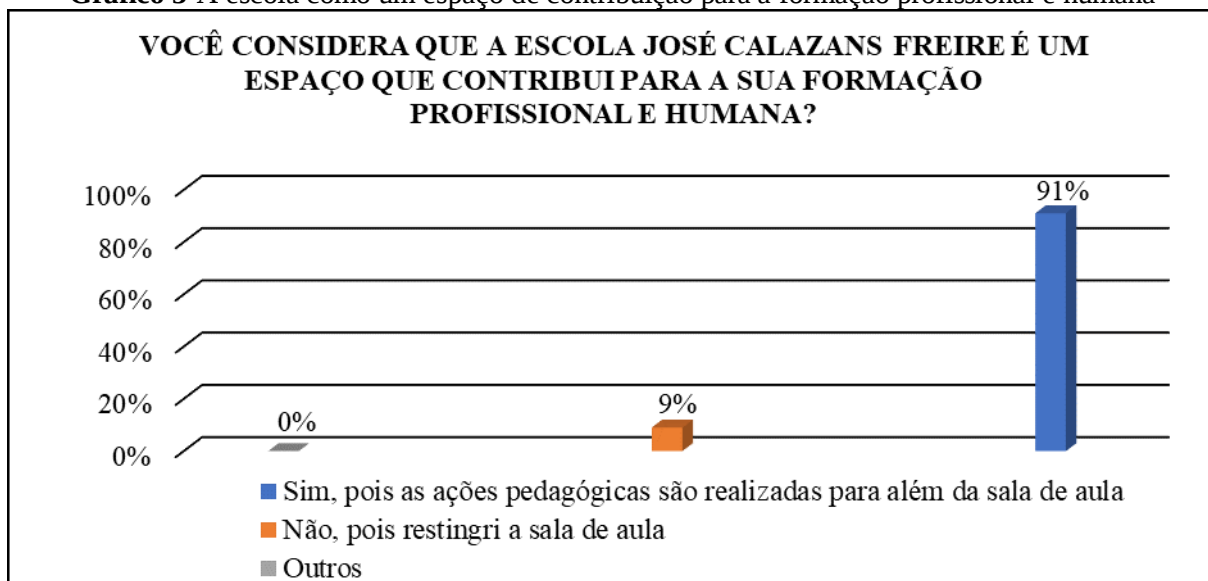
Nesse sentido, mesmo sendo uma escola de Ensino Médio da cidade, é primordial que o currículo e os professores tenham esse diálogo entre os saberes populares e os conhecimentos prévios para relacionados e contextualizar com os conteúdos dos livros didáticos.

Diante desses desafios, novas alternativas estão sendo construídas pelos profissionais da educação a fim de romper com o modelo de currículo fragmentado, descontextualizado e academicista, que historicamente norteia a produção do currículo tanto no contexto da educação urbana quanto do campo (LIMA, 2013, p. 613).

Essa interação é significativa para o fortalecimento das perspectivas futuras e dos traços identitários, culturais e sociais dos sujeitos do campo. Sendo necessário também a formação e a atualização dos materiais pedagógicos utilizados nas escolas do campo e da cidade.

Na terceira pergunta indagamos se os/as alunos/as consideram que a escola é um espaço que contribui para a sua formação profissional e humana. Dentro do gráfico 3 identificamos que 91% dos/as alunos/as afirmam que as ações pedagógicas são realizadas para além da sala de aula. E 9% dos/as entrevistados/as destacam que a instituição delimita apenas ao espaço da sala de aula.

Gráfico 3-A escola como um espaço de contribuição para a formação profissional e humana

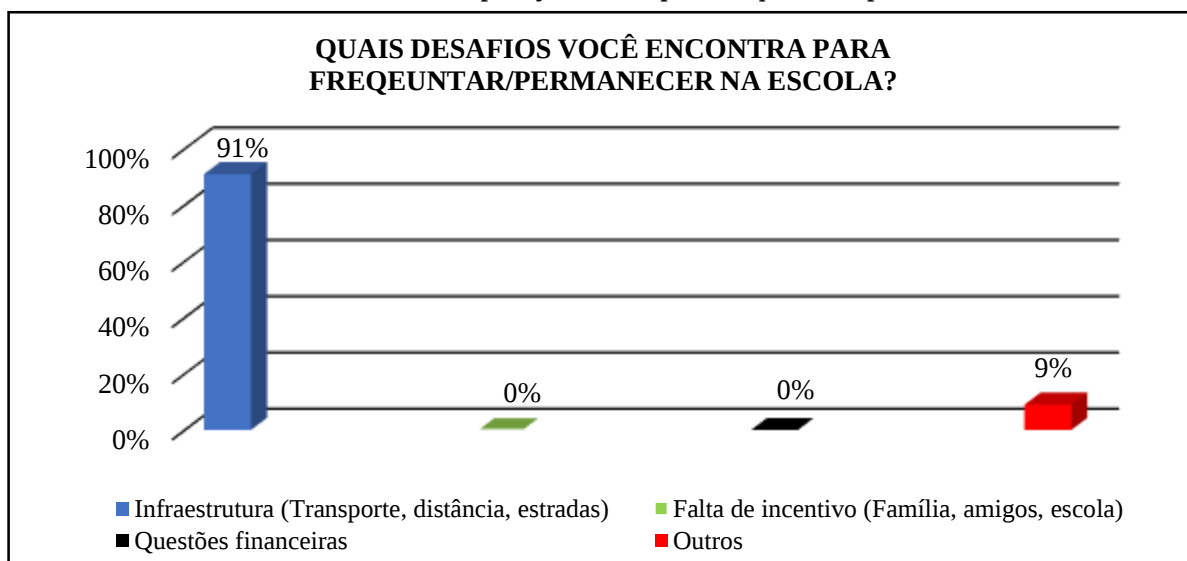


Fonte-Autoria Própria (2023)

Com isso, compreendemos que o processo educacional possibilita uma visão ampla, no entanto, é necessário fortalecer essas discussões entre os mais variados espaços e cenários da educação formal, não formal e informal. Segundo Arroyo (2011, p. 84), “A escola não pode acontecer dentro de quatro paredes, apenas nos tempos e espaços da sala de aula, temos que reinventar tempos e espaços que deem conta dessa proposta [...]”. Sendo, importante para a dimensão de formar sujeitos protagonistas das perspectivas humanas, profissionais, críticas e emancipatórias, com a leitura de mundo diversificada e problematizadora.

Quando perguntados sobre quais aspectos da escola consideram que sejam contribuintes para sua formação humana e profissional, os/as doze alunos/as destacam que o **conhecimento** é a principal contribuição. Dentre as respostas destaca-se uma que sintetiza “Incentivo a ser uma pessoa do bem, conseguir seu trabalho e construir uma boa condição financeira”. A escola é vista nesse sentido, como um local que pode possibilitar conquistas referentes ao mercado de trabalho, mas reconhecemos ainda a necessidade de pontuarem mais aspectos sobre a formação humana.

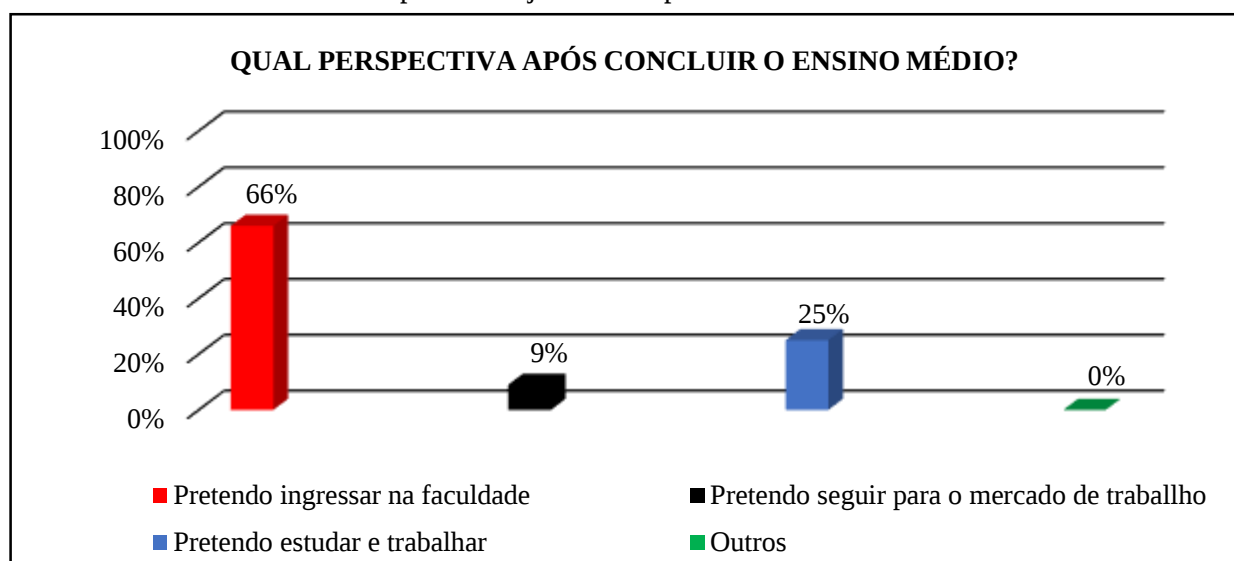
A juventude campesina passa diariamente por inúmeros obstáculos, nesse sentido, questionamos aos alunos/as quais seriam esses desafios para frequentar e permanecer nos espaços educacionais. Através das informações obtidas na questão 91% dos/as alunos/as afirmam que a maior dificuldade encontrada é a infraestrutura, como transporte, distância e as estradas. Sendo uma realidade frequente no município, contudo apenas uma das entrevistadas aponta que “Não há nada que me impeça”.

Gráfico 4- Desafios encontrados pela juventude para frequentar e permanecer na escola

Fonte-Autoria Própria (2023)

As escolas de Ensino Médio são por sua maioria na zona urbana dos municípios, levando em consideração essa realidade a juventude campestre enfrenta algumas barreiras para frequentar e permanecer na escola, como destaque no gráfico 4. Com isso, para que esses alunos/as tenham acesso a instituição o transporte escolar, a falta de estradas adequadas para o deslocamento e a distância afeta na frequência, permanência e no processo de aprendizagem dos mesmos.

Ao serem indagados sobre suas perspectivas ao concluir o Ensino Médio, 25% deles afirmam que pretendem estudar e trabalhar. Mas, apenas uma pretende seguir diretamente para o mercado de trabalho. Reconhecemos as necessidades da juventude em muitos aspectos, porém é crucial problematizar e valorizar a formação educacional, na qual, há novas propostas e horizontes para além das questões financeiras.

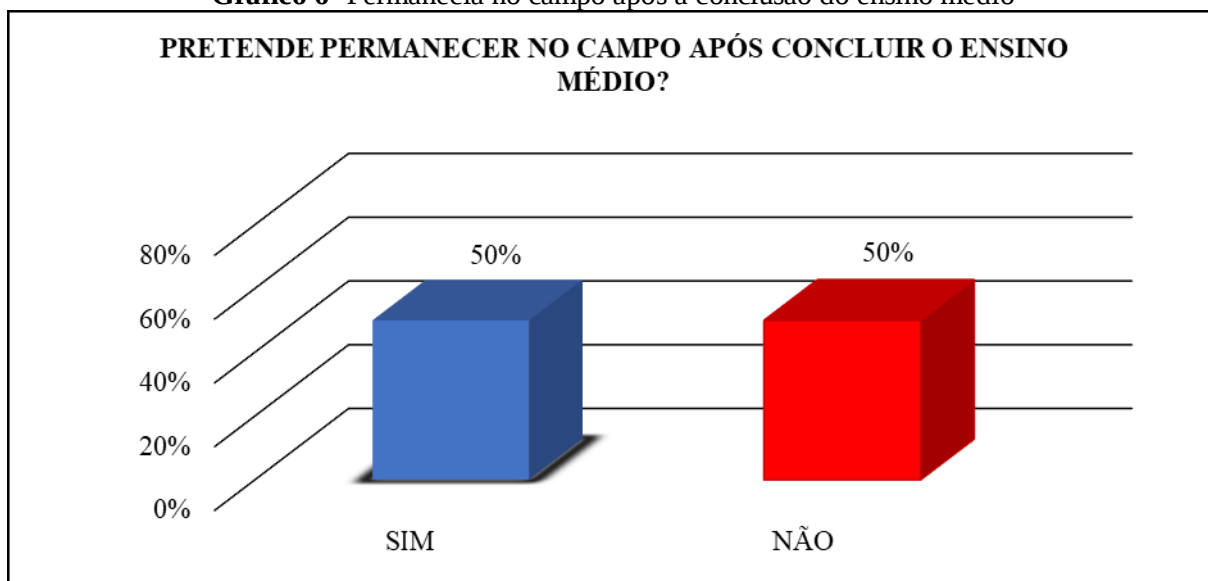
Gráfico 5- Perspectiva da juventude após concluir o ensino médio

Fonte- Autoria Própria (2023)

No gráfico 5, foi possível identificar que 66% dos/as alunos/as tem como perspectiva ingressar diretamente faculdade, nesse sentido, acreditamos que a educação possibilita novas experiências como também uma visão crítica e reflexiva sobre as questões futuras. Mas, sabemos que a universidade é apenas uma das inúmeras dimensões sociais, políticas e de valorização da juventude enquanto protagonistas da formação transformadora e humanizadora.

Se o foco de estudos e ações é juventude rural, existe uma carência de ações urgentes no sentido de sua valorização, bem como de proporcionar condições melhores de permanência no campo, como é o caso de educação, acesso a informação e tecnologia, além de planos de sucesso são familiar que permitam autonomia social e econômica aos jovens rurais. A partir disso, cabe ao jovem rural decidir acerca de seu futuro, de permanecer no meio rural com boas condições e valorizado ou atuar em áreas que só o meio urbano proporciona (TROIN; BIREITENBCH, p.799, 2018).

A falta de políticas públicas voltadas para a juventude campesina e de valorização do campo vem fazendo com que os mesmos saiam do campo para a cidade, sejam em busca dos espaços educacionais como também do mercado de trabalho, entre outras circunstâncias. Nesse sentido, indagamos se os/as alunos/as se pretendem permanecer no campo após concluir o Ensino Médio e obtivemos os seguintes resultados: que 50% pretende permanecer e 50% migrar para o meio urbano.

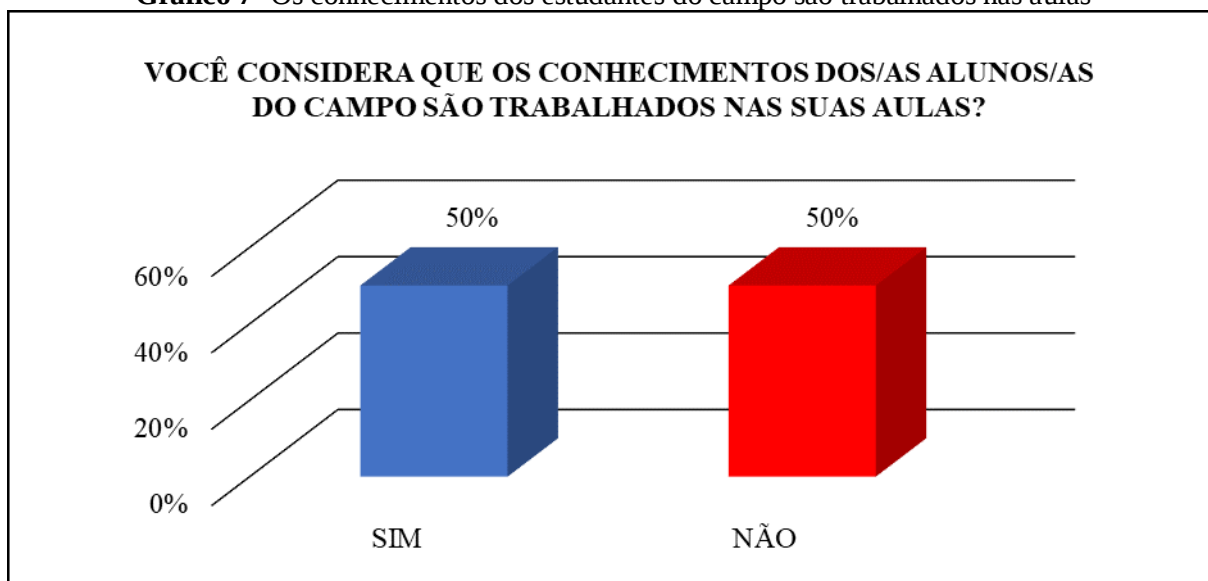
Gráfico 6- Permanecia no campo após a conclusão do ensino médio

Fonte- Autoria Própria (2023)

O êxodo rural ainda é fator presente, principalmente em se tratando da juventude. Esses dados apontam que, há também o desejo de permanecer no campo, mas acreditamos que mesmo havendo essa relação de pertencimento, uma das causas principais para a migração é a necessidade de buscar melhores condições de vida e de trabalho.

Consideramos que as problemáticas presentes na vida da juventude campesina, influenciam na construção de uma formação transformadora. Com isso, faz-se necessário a aplicação de mais políticas públicas direcionadas ao campo, para que a população possa ter de fato seus direitos garantidos como: educação direcionada, saúde, lazer, políticas de assistência e valorização, entre outros, ou seja, para que esses sujeitos possam permanecer dignamente, onde muitas das vezes é seu lugar de origem.

No segundo momento trabalhamos com seis professores, para compreender as limitações e perspectivas da escola sobre a formação da juventude campesina. Já que, a escola tem um papel fundamental no processo transformador das relações sociais, culturais e político da juventude, questionamos aos professores se os conhecimentos dos/as alunos/as do campo são trabalhados durante as aulas, pontuamos no gráfico 7: 50% apontaram que sim e 50% para não.

Gráfico 7- Os conhecimentos dos estudantes do campo são trabalhados nas aulas

Fonte - Autoria Própria (2023)

Vejamos as seguintes justificativas sobre os conhecimentos dos/as alunos/as do campo dialogados em sala, os professores apontam que:

“Nas aulas de Sociologia, trabalhamos diferentes formas de concepção do conhecimento” (Professor de Sociologia e História, 2023).

“Considero todos os conhecimentos prévios” (Professor de Português, 2023).

“Pois, resolvemos situações problemas que seja voltada ao cotidiano de cada aluno” (Professora de Matemática, 2023).

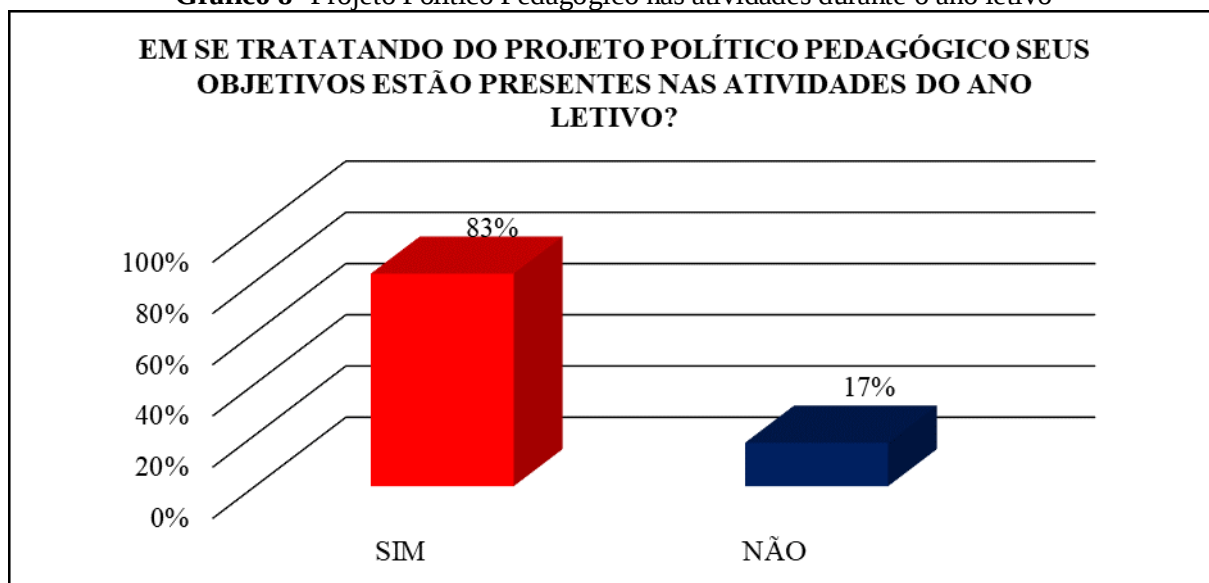
Trabalhar com os conhecimentos que fazem parte da realidade que os/as alunos/as estão inseridos é de suma relevância, na qual ao resgatar possibilita a valorização identitária, além de desenvolvimento de novos olhares para os próprios saberes e experiências culturais, sociais e populares do campo. Sabemos que existe diversos desafios e também alternativas que pode relacionar com a formação, o currículo, metodologias entre outros, que impulsiona esse dialogo de contextualização e do desenvolvimento crítico enquanto agentes transformadores.

A educação anda e sempre andou atrelada às transformações sociais, culturais, históricas, econômicas e políticas do país, ou seja, entender o sentido que a escola ocupa na vida dos jovens significa entender que eles estão dentro de uma instituição, inclusos e pertencentes a uma sociedade, que está inserida em um sistema com uma estrutura social estabelecida por interconexões e interferências, o qual influencia os processos educacionais desses jovens e os sentidos e significados atribuídos à escola por eles (PEREIRA; LOPES, 2016, p.201).

Com o olhar específico sobre o contexto dos educandos em relação a escola e a sociedade, pode-se possibilitar no processo de formação uma reflexão diante a exclusão e distanciamento da realidade social, que deveria atribuir significados para a juventude.

Ao serem indagados sobre objetivos do Projeto Político Pedagógico estarem presentes nas atividades durante o ano letivo, identificamos que 83% dos entrevistados apontaram que sim e apenas 17 % não.

Gráfico 8- Projeto Político Pedagógico nas atividades durante o ano letivo



Fonte - Autoria Própria (2023)

Dessa forma, analisamos que nos objetivos as contribuem para “Valorizar os saberes do campo, a produção, a socialização cultural, estimulando novos saberes, visando o desenvolvimento do campo” (PPP, 2022). Ao ampliarmos a concepção de conhecer e avaliar o projeto com bases na realidade dos/as alunos/as, “Ele é construído e vivenciado em todos os momentos, por todos os envolvidos com o processo educativo da escola” (VEIGA, 1998, p.1).

No terceiro questionamento para os professores perguntamos se a escola é um espaço que contribui na formação humana e profissional dos/as alunos/as, na qual, 100% afirmam que sim. Conforme as respostas em análise geral, um dos seis docentes aponta aspectos, no qual referencia uma sinopse das demais justificativas. Afirmando que “O espaço permite isso, pois o espaço é democrático”, ou seja, a instituição faz referência ao processo de ensinar e direcionar ao rumo da democracia diante da sociedade. Em suma outro professor destaca que “Acredito que qualquer espaço escola é lugar de conhecimento”.

A formação humana e profissional possibilita a juventude novos horizontes, na qual, os espaços educacionais proporcionam uma diversidade de conhecimentos e princípios que

dialoga na construção transformadora enquanto ser social. “Se a escola é um lugar de formação humana, significa que ela não é apenas lugar de conhecimentos formais e de natureza intelectual. A escola é lugar de tratar das diversas dimensões do ser humano de modo processual e combinado” (CALDART, 2011, p. 121).

Ao indagamos quais os aspectos que falta na escola que poderia contribuir nas ações voltadas para a formação humana e profissional dos estudantes. Os professores pontuaram os seguintes fatores:

“Ferramentas e meios que motivem os alunos ao estudo e formação” (Professor de Matemática, 2023).

“Na escola, enquanto estrutura física, não acho que falta nada. O problema é nas políticas públicas à educação” (Professor Sociologia e História, 2023).

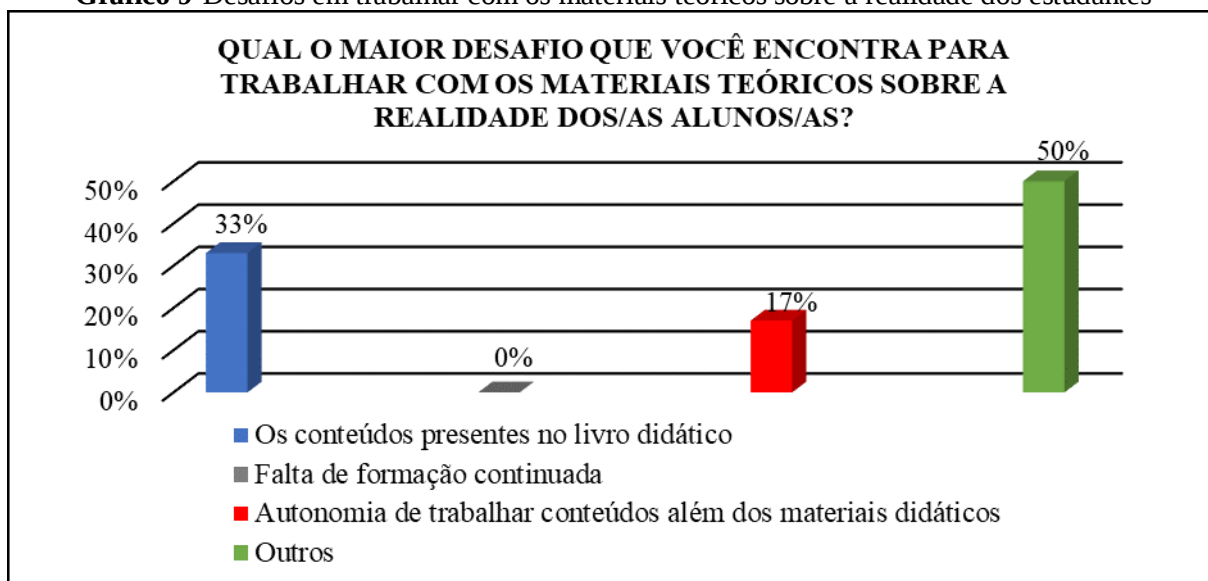
“Ações práticas, seja no sentido educacional ou social” (Professora de Português, 2023).

“A falta de consciência dos educandos” (Professor de Português, 2023).

“Mais profissionais dando seus pareceres p/ os alunos entenderes a importância das graduações” (Professora de Biologia, 2023).

Considerando os aspectos citados, os mesmos estipulam ações nas quais são importantes no crescimento da formação crítica, humana e profissional dos estudantes. Dando ênfase nas problemáticas relativas as políticas públicas, ações práticas, sociais e ferramentas no meio educacional, que estimulem aos estudantes a seguir uma formação enquanto ser social, cultural e democrático.

Levando em consideração aos maiores desafios que os professores encontram para trabalhar com os materiais teóricos e a com a realidade dos/as alunos/as. Em síntese, 50% dos mesmos ressaltam a falta de interesse dos discentes nas atividades pedagógicas, podendo resultar e desencorajar na busca de novas inovações, instrumentos metodológicos e práticos. Além desses resultados também obtive 33% que os conteúdos presentes no livro didático e 17% apontam que a autonomia de trabalhar para além dos materiais didáticos fazem parte dessas dificuldades, mencionadas no gráfico 9.

Gráfico 9-Desafios em trabalhar com os materiais teóricos sobre a realidade dos estudantes

Fonte- Autoria Própria (2023)

Diante dessa demanda, é fundamental repensar as práticas curriculares e metodologias presentes na sala de aula, para que “[...] tornando-se os mais democráticos e abertos para o diálogo com os diferentes saberes produzidos para além dos contextos escolares e acadêmicos, possibilitando o encontro de saberes e a ressignificação das práticas educativas e suas finalidades” (LIMA, 2013, p. 610). Proporcionando uma análise sobre a formação enquanto mediador e transformador do conhecimento para a educação direcionada ao campo.

Ao questionamos qual a perspectiva enquanto educadores em relação ao ensino e aprendizagem dos/as educandos para além do ensino médio. Ressaltam que expectativa totalmente negativa diante da falta de interesse das ações futuras após essa conclusão, sendo assim, o professor afirma que “Perspectiva baixa. São poucos os alunos que demonstram interesse nessa causa”.

Concluimos que as demandas dos docentes e discentes do Ensino Médio tem diversas problemáticas, em que, influenciam diretamente e indiretamente na vida enquanto formadores e transformadores sociais, culturais, políticos e emancipatório do futuro. Sendo que “Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar” (BRANDÃO, 2013, p. 7). Com isso, precisamos que as políticas públicas, formação de educadores direcionados para o campo, escolas e outros espaços que dialogue com a realidade e os saberes populares que sejam efetivadas.

6. CONSIDERAÇÕES

O contexto que a juventude está inserida traz grandes influências para a perspectiva, já que, é perceptível a desvalorização enraizada que implica no desenvolvimento crítico e transformador. Mas entende-se que o acesso educação de Paulo Freire libertadora, popular, comunitária e do campo seja significativa para refletir e superar essa visão direcionada para essa sociedade capitalista, excludente e opressora. Permitindo a esses sujeitos tenham a construção de um projeto de vida a partir das experiências e histórias que permeiam aos que vive no campo.

Ao trazer o debate sobre a juventude campesina pode-se aproximar, valorizar e possibilitar novas pesquisas sobre essa temática, além de propor a esses sujeitos bases teóricas representativas que articulem diretamente com a realidade social, popular, cultural, política e emancipatória dos mesmos. Assim, ao reconhecer as lutas dos povos do campo compreendemos o quanto as políticas públicas precisam ser efetivadas, empregos garantidos, além das alternativas e estratégias direcionadas para as instituições que atendem a esse público, pois são esses fatores e a exclusão que contribuem para que aconteça a necessidade de sair do seu local de origem, mesmo que tenham vínculos de pertencimento.

É fundamental também compreender as limitações da escola como espaço de possibilidades e de formação de sujeitos humanos e profissionais. Por isso, é primordial a relação do educador e o educando no processo ensino e aprendizado. Mesmo sabendo que existe outras dificuldades tanto para os professores como para os estudantes, precisamos mediar e acolher a trajetória, identidade e os objetivos futuros da juventude campesina.

Portanto, concluímos que devemos direcionamos a Educação não apenas como meio para o mercado capitalista, mais como oportunidade de transformar e formar criticamente sujeitos conscientes dos seus direitos e deveres que reconheçam e fortaleçam o processo de emancipação humana e social.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (org.). **Por uma educação do campo**. 5. ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2011.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Por uma educação do campo: A Educação Básica e o Movimento Social do Campo. *In*: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (org.). **Por uma educação do campo**. 5. ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

BRASIL. **Lei Nº 12. 852, de 5 de Agosto de 2013**. Dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude. Brasília.

BRASIL. **Decreto Nº 7.352, de 4 de Novembro de 2010**. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária.

CALDART, Roseli Salete. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. *In*: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (org.). **Por uma educação do campo**. 5. ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2011.

CALDART, Roseli Salete. Por uma educação do campo: A escola do campo em movimento. *In*: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (org.). **Por uma educação do campo**. 5. ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2011.

CALDART, Roseli Salete. Educação do campo. *In*: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Dicionário da educação do campo**. São Paulo, Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro e São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CARDOSO NETO, Odorico Ferreira; NEZ, Egeslaine de. Governos Lula, Dilma e Bolsonaro: as políticas públicas educacionais seus avanços, reveses e perspectivas. **Interação**, Curitiba, v. 21, n. 3, p. 121-144, 25 jul. 2021

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, [S.l.]. n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Trabalho como princípio educativo. *In*: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Dicionário da educação do campo**. São Paulo, Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Venâncio, Expressão Popular, 2012.

Gil, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed., São Paulo: Atlas, 2017.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social:** atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010. p. 103.

GADOTTI, Moacir. EDUCAÇÃO POPULAR, EDUCAÇÃO SOCIAL, EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA: Conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. **Diálogos:** Pesquisa e Extensão Universitária, Brasília, v. 18, n. 2, p.1-36, 2012.

GODOY, Arilda Schamidt. INTRODUÇÃO À PESQUISA QUALITATIVA E SUAS POSSIBILIDADES, **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009, p.121.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, Elmo de Souza. Educação do campo, currículo e diversidades culturais. **Revista Espaço do Currículo**, v.6, n.3, p. 608-619, set./ dez. 2013.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. p.312

MINAYO, Maria. Cecília. de Souza. **O desafio do conhecimento** : pesquisa qualitativa em saúde. 6.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Desafio da pesquisa social. *In:* MINAYO, Maria Cecília de Souza *et al.* **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. 28.ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2009. p. 108.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Textos sobre educação e ensino. Campinas: Navegando Publicações, 2011.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

PEREIRA, Beatriz Prado; LOPES, Roseli Esquerdo. Por que ir à Escola? Os sentidos atribuídos pelos jovens do ensino médio. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 193-216, jan./mar. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623655950>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rido de Janeiro, Paz e Terra, 45. ed., 2005.

FREIRE, Escola Estadual José Calazans. **Projeto político pedagógico**, Upanema/RN, 2017-2022.

RAYS, Oswaldo Alonso. **Metodologia do ensino: cultura do caminho contextualizado**. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (Org.). Repensando a didática. 23ed. Campinas: Papirus, 2006, p.93-107.

SANTOS, Maria do Carma Gonçalo; SALES, Mônica Patrícia da Silva. Gestão democrática da escola e gestão do ensino: a contribuição docente á construção da autonomia na escola. **Revista Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**. Belo Horizonte, v. 19, n.4, p.171-183, 2012.

SILVA FILHO, Luiz Gomes da. **Pedagogia da motivação**: para quem vive de ensinar é preciso saber viver. Curitiba: CRV, 2021.

TROIAN, Alessandra; BREITENBACH, Raquel. Jovens e juventudes em estudos rurais do Brasil. **Interações**, Campo Grande/ MG, v. 19, n. 4, p. 789-802, 5 out./dez. 2018

UNESCO. **POLÍTICAS PÚBLICAS DE/ PARA/ COM AS JUVENTUDES**. Brasília: UNESCO, 2004.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Projeto político-pedagógico da escola**: uma construção coletiva. Campinas: Papirus, p.1-12, 1998.

VIANA, Elis Medrado; BRITO, Isabel Cristina Barbosa de. JUVENTUDE GERAIZEIRA: UMA BUSCA PELO DIREITO À PARTICIPAÇÃO, À EDUCAÇÃO, AO LUGAR. In: VI CONGRESSO EM DESENVOLVIMENTO SOCIAL. **Anais**, Montes Claros, 2018. p. 89-105.

SILVA, Eliane Brandão da; PAULO, Fernanda dos Santos. COMPROMISSO SOCIAL E EDUCAÇÃO LIBERTADORA PARA PAULO FREIRE. **Revista Gestão Universitária**, Santa Catarina, v. 9, p. 1-7, 18 jun. 2018. Disponível em: <http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos-cientificos/compromisso-social-e-educacao-libertadora-para-paulo-freire>. Acesso em: 21 set. 2022.

HADDAD, Sérgio. Direito à Educação. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Dicionário da educação do campo**. São Paulo, Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Venâncio, Expressão Popular, 2012.

APÊNDICE A QUESTIONÁRIO- PERFIL DO (A) ALUNO (A)

PARTE I: IDENTIFICAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE	
IDADE	
SEXO	() FEMININO () MASCULINO () OUTRO
ONDE MORA?	() ZONA RURAL () ZONA URBANA

1. Você gosta/se identifica com o lugar que você mora?

a. () Sim

b. () Não

2. Você considera que os conhecimentos de sua comunidade são trabalhados na sala de aula pelos professores?

a. () Sim

b. () Não

Se respondeu Sim, justifique sua resposta:

3. Você considera que a escola José Calazans Freire é um espaço que contribui para sua formação profissional e humana?

a. () Sim, pois as ações pedagógicas são realizadas para além da sala de aula;

b. () Não, pois restringi apenas a sala de aula;

c. () Outros_____

4. Quais aspectos na escola você considera que possa contribuir para sua formação humana e profissional?

5. Quais desafios você encontra para frequentar/permanecer na escola?

a. () Infraestrutura (Transporte, distância, estradas);

b. () Falta de incentivo (Família, amigos, escola);

c. () Questões financeiras;

d. () Outros_____

6. Qual sua perspectiva após concluir o ensino médio?

- a. ☐ Pretendo ingressar na faculdade;
- b. ☐ Pretendo seguir para o mercado de trabalho;
- c. ☐ Pretendo estudar e trabalhar;
- d. ☐ Outro_____

7. Pretende permanecer no campo após concluir o ensino médio?

- a. ☐ Sim
- b. ☐ Não

APÊNDICE B QUESTIONÁRIO- PERFIL DO (A) PROFESSOR (A)

PARTE I: IDENTIFICAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE	
IDADE	
SEXO	() FEMININO () MASCULINO () OUTRO
ONDE MORA?	() ZONA RURAL () ZONA URBANA
FORMAÇÃO	

1. Você considera que os conhecimentos dos/as alunos/as do campo são trabalhados nas suas aulas?

- a. ☐ Sim
- b. ☐ Não

Se respondeu Sim, justifique sua resposta:

2. Em se tratando do Projeto Político Pedagógico seus objetivos estão presentes nas atividades do ano letivo?

- a. ☐ Sim
- b. ☐ Não

3. A escola José Calazans Freire é um espaço que contribui para formação profissional e humana?

- a. ☐ Sim
- b. ☐ Não

Se respondeu Sim, justifique sua resposta:

4. Quais aspectos você considera que falta na escola que poderia contribuir nas ações voltadas para a formação humana e profissional dos/as alunos/as?

5. Qual o maior desafio que você encontra para trabalhar com os materiais teóricos sobre a realidade dos/as alunos/as?

- a. ☐ Os conteúdos presentes no livro didático;

- b. () Falta formação continuada;
- c. () Autônima de trabalhar conteúdos além dos materiais didáticos;
- d. () Outros_____

6. Qual sua perspectiva enquanto educador em relação ao ensino e aprendizagem dos/as alunos/as para além do ensino médio?

APÊNDICE C- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Sou GLÍCIA LARYANE LEANDRO DA SILVA, aluna matriculada no Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo – LEDOC, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA. Realizo a pesquisa intitulada “EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO CAPITAL”: UMA ANÁLISE DA JUVENTUDE CAMPESINA A PARTIR DA REALIDADE DE UMA ESCOLA PÚBLICA URBANA DE UPANEMA/RN, sob a orientação do Professor Dr. Luiz Gomes da Silva Filho. O objetivo geral da pesquisa é: Analisar como a educação da juventude campestre é impactada pelas influências da cultura capitalista e como a permanência no campo pode representar um aspecto de resistência a esse fenômeno.

O(a) Sr.(a) está sendo convidado(a), por meio deste documento, como voluntário(a) a participar da pesquisa contribuindo com um questionário. Acreditamos que suas experiências e olhar sobre o tema estudado serão de muita importância para concretizarmos a investigação. Garantimos que, em caso de aceitar o convite, a sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, lhe identificar, será mantido em sigilo, exceto se houver autorização sua específica para isso.

Com estas informações, gostaria de solicitar a autorização de: _____, para participar da referida pesquisa. Também esclareço que as informações divulgadas na pesquisa poderão ser apresentadas, além da monografia, em eventos científicos, capítulos de livros ou artigos em periódicos científicos.

Por fim, esclareço que o(a) Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer recurso financeiro. A sua aceitação/autorização deverá ser de livre e espontânea vontade. A identificação de todos os envolvidos será mantida em segredo. Somente após devidamente esclarecido(a) e ter entendido o que foi explicado, deverá assinar este documento.

O(a) senhor(a) receberá uma via deste documento. Em caso de dúvidas, poderá a qualquer tempo se comunicar com a pesquisadora GLÍCIA LARYANE LEANDRO DA SILVA, por meio do e-mail: _____. Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao

Professor Dr. Luiz Gomes da Silva Filho, na Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Av. Francisco Mota, n. 572, Bairro Costa e Silva, Mossoró – RN.

Upanema, _____, de _____, de 2023.

Assinatura do(a) participante

Assinatura da pesquisadora